

Casablanca

memória e reflexão

DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA
Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
Sob orientação do Professor Doutor José Fernando Gonçalves
André Almeida
Fevereiro 2017



Casablanca

memória e reflexão

Nota à edição:

A presente dissertação segue o novo Acordo Ortográfico.

A norma das referências bibliográficas é o *Chicago Manual of Style 16th edition*.

As citações apresentadas são as originais. Em nota de rodapé é possível consultar a versão em português, traduzida livremente pelo autor.

À minha família, pelo carinho e apoio.

Ao Professor Doutor José Fernando Gonçalves, pela orientação e paciência.

À Joana, por tudo.

Aos amigos, por partilharem comigo os melhores anos.

Resumo

A percepção que temos do que nos rodeia varia consoante diferentes fatores. Experiências que nos marcam, que impulsionam o desenvolvimento da própria maturidade, influenciam constantemente o nosso quotidiano, contribuindo para um mais rico e profundo nível de conhecimento. No meu caso em particular, uma viagem a Marrocos, ainda na minha infância, foi uma dessas experiências, que despertou em mim o fascínio pela arquitetura e me “obrigou” a lá regressar dez anos mais tarde.

Deste modo, a presente dissertação tem o intuito de partilhar e dar a conhecer aquilo que foram as minhas experiências no lugar, assim como as diferentes percepções e sensações que guardo na memória, em diferentes tempos e contextos, e que de certa forma têm relevância no meu percurso de estudante.

Assim, o trabalho expõe a minha reflexão do que foram as diferentes maneiras de encarar, perceber e viver a cidade de Casablanca, e como a minha formação académica e cultura arquitetónica me proporcionaram diferentes abordagens, percepções, sensações.

Palavras-chave: Casablanca; viagem; arquitetura; memória; sensações.

Abstract

The perception of the surrounding environment changes depending on different factors. Life experiences, that improve the development of one's own maturity, have a constant influence on our daily lives, contributing to a deeper and larger knowledge level. In my particular case, a trip to Morocco, as a child, was one of those experiences, that woke up on me the enthusiasm about architecture, and made me come back ten years later.

The following dissertation as the purpose of sharing my experiences *in loco*, such as the several feelings and perceptions that I keep in my memory, on different times and contexts, and how those were important to my academic path.

Therefore, I expose my own reflection about the different ways of facing, understanding and living the city of Casablanca, and how my academic education and architectonic culture provided me different approaches, perceptions, feelings.

Key-words: Casablanca; trip; architecture; memory; feelings.

Sumário

Introdução	13
Estado de Arte	19
I. Marrocos • Viagem 2006	25
II. Contextualização histórica • Casablanca	49
III. Marrocos • “O laboratório Francês”	59
IV. Os três períodos de planeamento urbano • Casablanca	73
V. Casablanca • Viagem 2016	81
• Bairro Hay Hassani	105
• Alterações feitas pelos habitantes	109
• Refletir a Viagem	115
VI. Considerações Finais	123
Referências Bibliográficas	129
Referências Fotográficas	137

Introdução

Sentir é algo que se desenvolve connosco, que nos molda. No entanto, cada indivíduo sente e percebe o mundo de forma diferente, única. Esta forma como cada um de nós percebe o mundo, resulta em infinitas perspetivas e mentalidades, influenciadas por inúmeros fatores internos e externos a nós próprios, nomeadamente fatores culturais.

Estes fatores culturais tiveram grande preponderância para o tema do trabalho, que tem como ponto de partida uma viagem a Marrocos realizada em 2006, juntamente com os meus pais e irmão. Foi sem dúvida a grande motivação para a realização do trabalho, por diversos motivos. Não só o facto de ter sido a minha primeira experiência fora da Europa, mas principalmente por toda a curiosidade que despertou em mim, por tudo aquilo que mudou a minha perspetiva em relação à maneira como cada um de nós sente os diferentes espaços e contextos culturais, tão distintos daqueles a que estava habituado, aos 13 anos de idade.

Tudo isto me marcou profundamente, levantando uma enorme necessidade de querer saber e descobrir mais. Deste modo, uma mais recente viagem a Casablanca (2016) completa o panorama do trabalho, introduzindo uma diferente perspetiva da cidade, daquilo que eu próprio entendi e percecionei da mesma, numa fase final do meu percurso como formação de arquiteto.

- *Casablanca: memória e reflexão.*

O principal objetivo do trabalho passa por expor de que forma as duas experiências influenciaram o meu percurso e o meu pensamento. Perceber como as sensações e perceções diferem consideravelmente da 1ª para a 2ª viagem, e como a minha formação e cultura arquitetónica me permitiram ver e encarar a cidade de uma perspetiva mais focada na arquitetura e vivência urbana, refletindo de que forma a viagem contribuiu para o meu próprio conhecimento.

Inserido no tema *Arquitetura e Viagem*, o caso de estudo sobre o qual incido surgiu naturalmente. Como referido anteriormente, Marrocos foi a minha primeira experiência fora da Europa, e embora tenha visitado outras cidades, como Tânger e Agadir, foi sem dúvida Casablanca a que mais me marcou e mais curiosidade me despertou, a todos os níveis. Não sendo de todo uma cidade direcionada para o turismo, a sua vertente comercial faz dela capital económica de Marrocos, sendo também a maior cidade do país, com maior número de habitantes. A cultura e religião marcam profundamente o dia-a-dia da maioria dos habitantes, algo que foi novidade para mim na altura, mas que é típico da tradição Muçulmana, e que tanto influenciou a arquitetura e vivências urbanas da cidade.

Em relação ao método para a realização do trabalho, a viagem foi sem dúvida a ferramenta mais importante como suporte ao objetivo. Não só pela experiência *in loco*, que automaticamente me proporcionou observar e encarar de perto uma diferente realidade, mas também para confirmar e retirar as minhas próprias conclusões acerca de textos e documentos consultados previamente, assim como do próprio senso comum. Acrescentando a consulta e análise de diversos documentos, foi então possível redigir a dissertação.

- *Casablanca: memória e reflexão.*

Quanto ao registo fotográfico, divide-se em dois períodos. Na primeira viagem, o mesmo foi efetuado pelo meu pai, registo esse do qual tirei partido recentemente para escrever o “diário” com base nas memórias e fotografias. Em relação à segunda viagem, eu próprio me encarreguei de o fazer, incluindo algumas fotografias capturadas sensivelmente nos mesmos sítios aquando da primeira visita à cidade.

Em relação à estrutura da dissertação, é abordado, numa fase de carácter introdutório, o tema das relações sensoriais entre Homem e Espaço, referindo diferentes autores e pontos de vista. De seguida, num primeiro momento, entra em cena o caso de estudo, sobre o qual é feito o relato da primeira viagem, em 2006. A redação deste capítulo foi feita previamente, de forma a permitir, depois da segunda viagem, refletir e retirar conclusões sobre o que mudou no meu próprio processo de conhecimento do mesmo espaço físico. Num segundo momento, foi feito um trabalho de pesquisa sobre a cidade, que inclui uma breve contextualização da cidade de Casablanca, assim como uma referência às influências do Modernismo Francês na arquitetura em Marrocos e aos três planos urbanos para a cidade de Casablanca no século XX. Tanto a contextualização como estas referências têm o propósito de introduzir a leitura do capítulo seguinte, e acima de tudo de o amparar científica e disciplinarmente, tendo grande importância na preparação da segunda visita.

Posteriormente, num terceiro momento, o trabalho aborda também o caso de estudo, embora de um ponto de vista díspar. Se o relato da primeira viagem assenta na memória e no lado curioso e inocente próprio da infância, nesta fase a abordagem é diferente, onde prevalece uma análise e reflexão segundo a minha perspetiva atual, com outro grau de maturidade, atenção e preocupação para com as questões levantadas nesta segunda viagem, em 2016.

Por fim, e depois de uma reflexão sobre os processos de conhecimento, as devidas considerações finais.

Estado de Arte

A evolução da dimensão sensorial do Homem foi, e continuará a ser, tema das mais diversas discussões e análises científicas no decorrer da história da humanidade. Deste modo, e tendo a componente sensorial significativa importância na composição do trabalho, é essencial fazer uma referência aos cinco sentidos e ao seu desenvolvimento/evolução, num contexto urbano, arquitetónico e espacial.

Seguindo o ponto de vista de Edward T. Hall,¹ no seu livro *A Dimensão Oculta*, a experiência espacial não é apenas visual, mas multissensorial, uma vez que o Homem recebe informação sobre o ambiente à sua volta através dos sentidos no seu todo. No fundo, o espaço é um sistema básico de organização para todos os seres vivos, sendo a arquitetura o nosso mais primário instrumento para nos relacionarmos com ele, dando-lhe uma “medida” humana, “domesticando-o”, delimitando o ilimitado.

Naturalmente, a utilização do espaço e suas diferentes perceções derivam consoante a cultura, assim como dos costumes e tradições dos nossos antepassados que nos remetem à memória, e que nos servem de referência para o futuro.

¹ Hall, *The Hidden Dimension*.

- *Casablanca: memória e reflexão.*

*...there is no such thing as perception of space without a continuous background surface.*²

Dando seguimento à ideia da importância da memória e dos nossos antepassados, para uma mais rica e completa percepção do espaço, Edward T. Hall defende ainda que a religião esteve sempre muito presente na cultura dos povos ocidentais ao longo dos séculos, sobretudo a ideia de que um edifício religioso comunica espacialmente.

Se por um lado, as capelas são pequenas e íntimas, de escala acolhedora e simpática, em oposição, as catedrais são inspiradoras, imponentes, e de poderosa escala. Ambas funcionam como uma espécie de “espaço da memória”, com tanta história e tão diferentes sensações de quem por lá passou, abraçadas pela constante evolução da cidade em seu redor.

*Perception, memory and imagination are in constant interaction.*³

A percepção espacial do Homem é dinâmica, uma vez que está relacionada com uma ação, com aquilo que pode ser feito em determinado espaço, em determinado contexto cultural. Assim, as cidades resultaram em expressões culturais por parte de quem as construiu, sempre influenciadas e condicionadas pelas experiências e percepções sensoriais dos seus antepassados e da relação entre indivíduos, relação esta que levou o Homem e o ambiente à sua volta a moldarem-se um ao outro.

Para além da componente cultural, as pessoas usam os seus sentidos consoante os seus estados emocionais, durante diferentes atividades, relacionamentos e contextos, o que, automaticamente, resulta em diferentes necessidades no que toca ao espaço. A cidade acaba por refletir essas mesmas necessidades e percepções dos seus “criadores” e habitantes, tendo cada uma delas a sua própria escala e identidade, e um carácter distinto de todas as outras.

² Ibid., 191. “(...) não existe tal coisa como a percepção do espaço sem uma superfície de fundo contínua.”

³ Pallasmaa, *The Eyes of the Skin*, 67. “Percepção, memória e imaginação estão em constante interação.”

- *Casablanca: memória e reflexão.*

*Every city has its echo which depends on the pattern and scale of its streets and the prevailing architectural styles and materials.*⁴

A escala é, de facto, um fator chave no planeamento de cidades, bairros e habitações. No entanto, deve existir uma coerência entre a escala urbana e a escala étnica, uma vez que cada diferente grupo étnico foi desenvolvendo a sua própria noção de escala, tanto a nível de espaço íntimo como de espaço público.

Hoje em dia, o automóvel, por exemplo, tem grande preponderância no quotidiano das sociedades desenvolvidas e subdesenvolvidas, acabando por ser o maior consumidor do espaço público. Mesmo existindo uma grande compatibilidade entre o Homem e o automóvel, este aspeto acaba por limitar um pouco as relações entre indivíduos, mas também a nossa relação com o ambiente exterior e todas as sensações adjacentes, algo que se torna banal com a utilização do automóvel.

Do meu ponto de vista, é, portanto, essencial compreender como as populações percebem o espaço e utilizam os seus sentidos no contexto urbano, tendo em conta a sua história e cultura, para que a arquitetura responda às necessidades de um largo número de habitantes, preservando aquilo que são os pilares da sociedade existente.

⁴ Ibid., 51. “Cada cidade tem o seu eco, dependendo do padrão e escala das suas ruas e dos materiais e estilos arquitetónicos predominantes.”

I. Marrocos • Viagem 2006

Como referido anteriormente, esta experiência foi o motor para o desenvolvimento do trabalho, sendo, portanto, de inevitável partilha.

Decorria o mês de Abril de 2006. Estava prestes a descobrir uma cultura e uma realidade totalmente diferentes do meu país. Sem saber minimamente o que iria encontrar pela frente, o entusiasmo era enorme. Posso afirmar que foi um misto de sensações, mesmo antes de pousar pé no solo africano. Expectativa, curiosidade, talvez algum receio de que a experiência não fosse corresponder às expectativas já criadas pela minha imaginação.

A viagem consistia num percurso em navio cruzeiro, que passava por três diferentes cidades marroquinas: Tânger, Casablanca, e Agadir. Casablanca foi sem dúvida das três a mais marcante, talvez pelo facto de ser aquela onde quisesse ter passado mais tempo e que de certa forma fez permanecer em mim algum mistério e admiração, que me fez também lá voltar recentemente e, portanto, serve assim de caso de estudo e análise mais profunda para o trabalho. No entanto, irei fazer referência às outras duas, uma vez que me proporcionaram também episódios marcantes e inesquecíveis.

- *Casablanca: memória e reflexão.*

Domingo, 23 de Abril de 2006

Partíamos do Terminal de Cruzeiros de Lisboa, pelo início da tarde. De imediato se fez ouvir a buzina, anunciando assim o início da aventura. Fiquei desde logo maravilhado por aquela diferente perspetiva da paisagem, mas acima de tudo impressionado pela brutalidade e pela imponência da Ponte 25 de Abril a “passar-nos” por cima lentamente, fazendo-me sentir tão pequeno como nunca antes.

Rapidamente caiu a noite, e sem dar por isso estávamos já em alto mar. A sensação de que o chão não parava quieto era uma constante, mas rapidamente se lhe tomou o gosto. Sendo o primeiro dia de viagem, desde logo alguns dos costumes e tradições marroquinos nos foram dados a conhecer pela equipa do staff do navio. Não só as refeições, que incluíam no menu pratos típicos da região, mas também em shows e espetáculos musicais apresentados aos passageiros.

Um dos maiores choques iniciais que senti foi quando percebi que não existia qualquer tipo de luz natural no quarto onde iria passar as noites seguintes. Apenas uma pequena escotilha se encontrava no lugar onde poderia eventualmente existir uma janela, isto porque o quarto se situava num piso inferior ao nível da água, o que foi para mim estranho ao princípio, mas ao mesmo tempo curioso e destemido o facto de dormir “debaixo” de água.

• Casablanca: memória e reflexão.

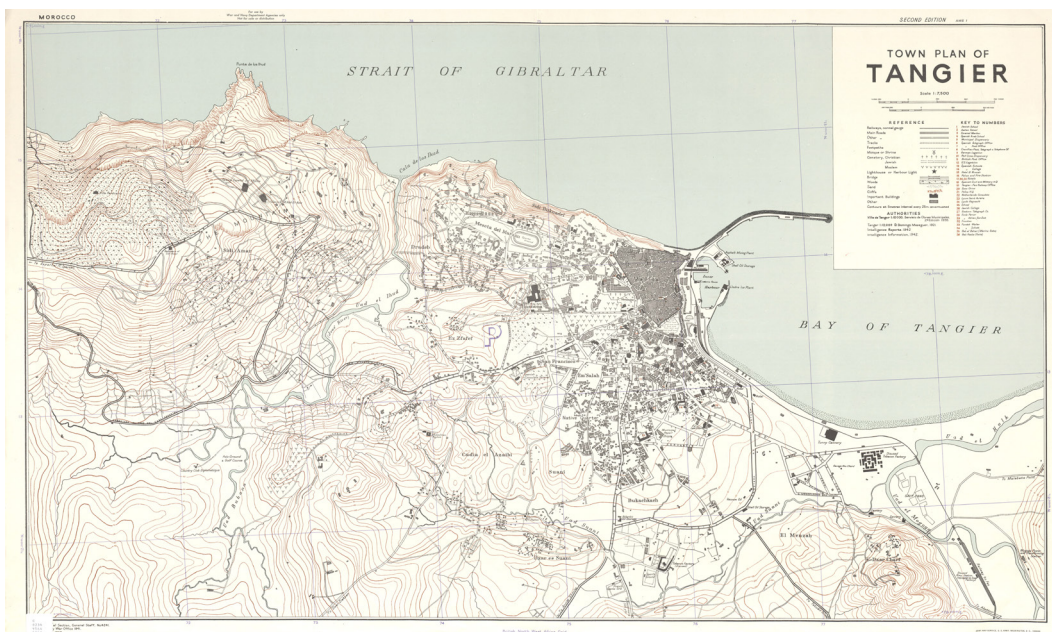


Figura 1 - Planta da cidade de Tânger



Figura 2 - Terminal de contentores, Tânger

Segunda-feira, 24 de Abril de 2006

A buzina volta a fazer-se ouvir, sinal de que estávamos próximos de atracar no porto de Tânger.⁵ Era ainda de manhã, mas no exterior sentia-se claramente a diferença de temperatura. O próprio ar tinha outra densidade, dando a sensação de ser mais difícil de respirar. Por muito que o barulho das gaiotas me remetesse para outros ambientes mais familiares, a paisagem de imediato me contradizia, “dizendo-me” claramente que eu era o estranho àquele sítio e clima.

Visita à Cidade

Finalmente terra firme. A sensação de voltar a pisar chão “imóvel” penso ter sido do agrado de todos os passageiros a bordo. Do meu foi certamente, visto que pela primeira vez pisava solo africano.

Posso dizer que o primeiro impacto visual que imediatamente me captou a atenção foram as infindáveis fileiras de enormes gruas de transporte e acomodação dos contentores de carga de mercadorias. Gigantes em ferro, imponentes, reclamando a cidade como sua e avisando quem chega de que estão no seu território. O eco das roldanas metálicas e dos navios cargueiros a partir e a chegar era assustador naquele cenário, um cenário que revela a identidade daquele espaço.

⁵ Cidade marcada pela passagem de várias civilizações, inclui o domínio português durante mais de um século, evidente em algum património edificado existente, caso da Catedral da Nossa Senhora da Conceição. Este domínio terminou após a realização do Tratado de Paz e Amizade com a Grã-Bretanha, em 1661, que resultou na oferta das cidades de Tânger e Bombaim, esta na Índia, aquando do casamento da Princesa Catarina de Bragança, filha de D. João IV, com o Rei D. Carlos II de Inglaterra. A sua localização geográfica permitiu-lhe não só afirmar-se como um importante ponto militar estratégico, disputado pelas mais diversas potências internacionais, mas também num essencial centro da atividade comercial marroquina, em fins do século XIX e início do século XX.

• Casablanca: memória e reflexão.



Figura 3 - Rua comercial, centro de Tânger



Figura 4 - Rua habitacional, centro de Tânger

Partimos depois à descoberta da cidade, dirigindo-nos à parte antiga. Percorremos uma série de ruas até ao sítio destinado, e nesta rua em particular tudo me passou pela cabeça. A quantidade de pessoas era absurda, era tão pouco o espaço de chão para pisar de tanto lixo e caixas de papelão que se acumulavam na rua. Desde vendedores de fruta, a crianças a comer sentadas no chão, a bancas enormes com dezenas e dezenas de diferentes especiarias de todas as cores perfumando o ambiente, porta sim porta sim havia coisas para comprar e era constante o “assédio” dos vendedores, de todas as idades e feições, quase que nos obrigando a levar nem que fosse uma maçã. Senti-me um pouco assustado com a situação, com a maneira como me fixavam nos olhos, sem perceber na altura como aquelas pessoas e a sua cultura eram diferentes da minha, e que eu é que era o “estranho” e diferente no meio deles.

O ruído era indescritível. Uma mistura de vários tipos de música ao mesmo tempo, as próprias pessoas a falar umas com as outras, crianças a chorar, tudo era novo e estranho na minha cabeça, mas por outro lado era fascinante assistir a tudo aquilo a acontecer ao mesmo tempo.

Já de passagem pelas ruas da Medina, achei imensa graça à largura de algumas das ruas e ao facto de se poder saltar de umas varandas para as outras, quase como se fizesse tudo parte de uma enorme habitação e onde toda a gente comunicava e vivia em conjunto. Aqui, ao contrário da rua “principal”, reinava o silêncio e a sombra. São ruas mais escuras e frescas, que por serem tão estreitas recebem pouca luz solar direta, com efeito refrescante, sem dúvida. Percorrer algumas destas ruas foi para mim como se estivesse num labirinto, em que tudo me parecia igual, onde as casas eram todas da mesma cor e quase sem janelas. Este foi um aspeto que me intrigou bastante na altura, uma vez que sabia de antemão que Marrocos é um país bastante mais quente que o nosso e, no entanto, as casas não têm janelas.

• Casablanca: memória e reflexão.



Figura 5 - Chefchaouen, a Cidade Azul, Tânger



Figura 6 - Chefchaouen, habitação

Mais tarde nesse dia, e para matar a minha curiosidade, tive a oportunidade de entrar num edifício na Medina e aí sim percebi que a luz para o interior era obtida pelo pátio central, a céu aberto, que de certa forma me fez sentir protegido e me deu vontade de explorar os recantos do edifício.

Uma característica das ruas da Medina é o facto de existirem pontuais zonas de estar, ou de descanso, com bancos escavados nas paredes cobertas de mosaicos de diferentes formas, tamanhos e cores.

Estava programado apenas um dia para conhecer a cidade, e este terminou com a visita a Chefchaouen, a *Cidade Azul*. Sem dúvida um dos sítios mais bonitos e pacíficos onde já havia estado. Fascinou-me imenso o facto de todas as casas, edifícios, portas, escadarias de acesso, o próprio chão que pisávamos, tudo era azul. Parecia não haver qualquer barreira entre o céu e as construções.

O ambiente era totalmente diferente das ruas do centro urbano. Aqui existem árvores, o ar é mais fresco, ou pelo menos era essa a sensação que dava, e o silêncio era quase absoluto, apenas interrompido pelo habitual “chamamento” dos minaretes e as orações, que ecoavam pela cidade várias vezes ao longo do dia. Foi algo que me captou bastante a atenção, o facto de ser audível em qualquer parte da cidade e de as pessoas “obedecerem” a este sinal que anuncia a hora de praticar o culto. Regressámos por fim ao navio, agora com destino a Casablanca.

• Casablanca: memória e reflexão.

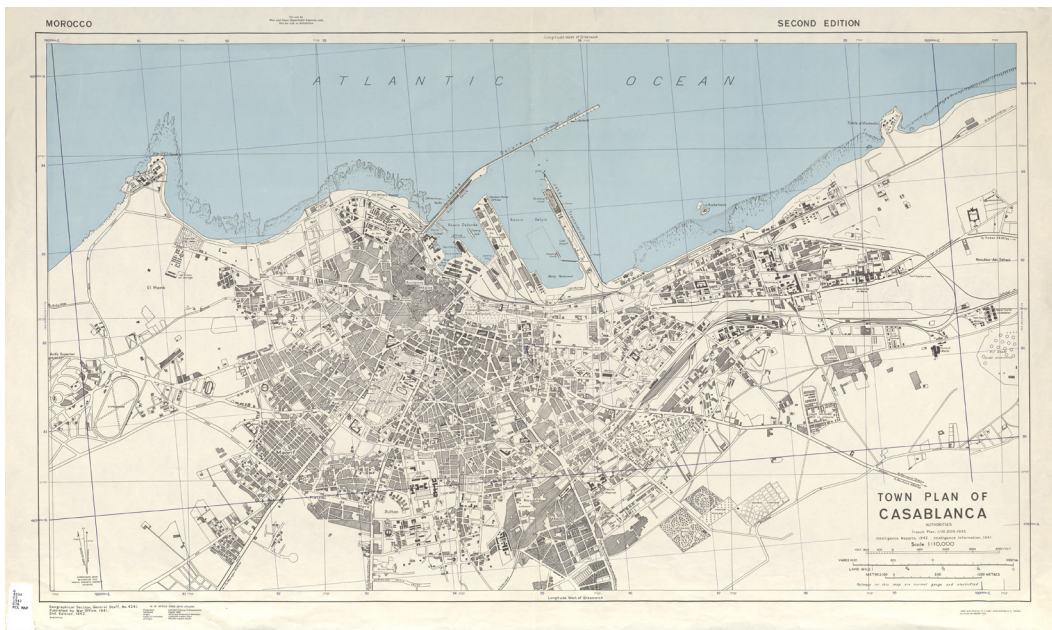


Figura 7 - Planta da cidade de Casablanca



Figura 8 - Panorâmica da cidade de Casablanca; Mesquita Hassan II, ao fundo

Terça-Feira, 25 de Abril de 2006

Nasceu um novo dia, e a paragem era agora Casablanca. Aqui, o navio estaria atracado dois dias, de modo a permitir aos tripulantes um período de visita mais significativo àquela que é a maior cidade de Marrocos.

Impressionou-me de imediato a paisagem. Ao fundo, uma extensão de casas “amontoadas” umas nas outras que parecia não ter fim, ao mesmo tempo em que a torre da Mesquita⁶ saltava logo à vista. A quantidade de pessoas locais que esperavam no porto a chegada de turistas era absurda, pessoas que fazem disso o seu dia-a-dia, o seu ganha pão. Taxistas, vendedores ambulantes, guias turísticos, ou pelo menos a fazer-se passar por isso, e até pessoas simplesmente a pedir umas moedas, geravam ali a confusão numa desesperada espera por aderência àquilo que publicitavam. Desde logo me apercebi que estava prestes a conhecer uma cidade muito maior e mais importante que a anterior, e fiquei muito entusiasmado com isso.

Tanto foi o “assédio” por parte dos guias turísticos, que acabámos por aceitar negociar com um dos senhores, bem vestido e engravatado, de boné na cabeça, o nome não me recordo. Ele logo nos encaminhou e acompanhou para um dos táxis, com quem aparentava ter parceria de negócio e uma relação de muito à vontade.

Muita coisa havia para visitar, mas o primeiro sítio para onde fomos encaminhados foi uma espécie de loja/café com uma pequena esplanada, onde nos foi aconselhado pelo guia o chá de hortelã, típico marroquino. Era realmente muito bom. A paisagem enchia os olhos, com a torre da Mesquita sempre em destaque, e ao fundo o mar.

⁶ Mesquita Hassan II

• Casablanca: memória e reflexão.

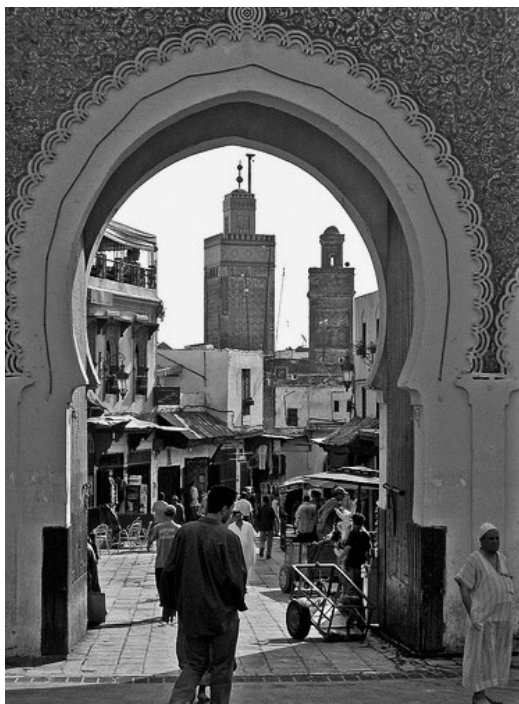


Figura 9 - Mercado Central, entrada Este



Figura 10 - Mercado Central



Figura 11 - Mercado Central, comércio de tapeçarias

No interior, como disse anteriormente, uma mistura de loja e cafetaria, onde se podiam observar vários produtos locais, tais como tapeçarias, artesanato e gastronomia, sempre com música tradicional a dar vida aos espaços.

De seguida, percorremos uma rua da cidade com muito movimento, onde abundava o comércio de todo o tipo de produtos, muito semelhante ao que havia já encontrado em Tânger, mas a uma escala bastante maior, mais barulhenta, mais suja, e por vezes até “assustadora”.

Algo que é típico da cultura marroquina, e que me recordo muito bem em Casablanca, são as lojas de tapeçarias. Edifícios quase “camuflados” no meio de tanta variedade de produtos e lojas, em que as fachadas são totalmente cobertas e “pintadas” por imensas cores e diferentes tamanhos, deixando à vista apenas uma abertura de acesso ao interior. Não podíamos deixar de entrar num espaço destes, nem que fosse apenas para admirar a variedade e quantidade de tapetes que ali estavam em exposição. Entrámos, e de imediato se aproximou o vendedor, oferecendo-nos uma espécie de visita guiada à loja, para assim podermos ver tudo aquilo que ali tínhamos ao nosso dispor.

Era um mundo à parte. Escondidos da barafunda do exterior, ali dentro nos refugiámos por momentos, onde por incrível que pareça o silêncio era quase absoluto, e o ambiente muito mais fresco. O cheiro a tapeçarias era muito intenso, e a minha admiração focava-se nas imensas peças em madeira expostas. Não me consegui ir embora sem convencer os meus pais a comprarem-me uma bola de futebol em madeira maciça, esculpida em tamanho real, e que ainda hoje permanece na cómoda do meu quarto.

• Casablanca: memória e reflexão.



Figura 12 - *Ville Nouvelle*



Figura 13 - *Ville Nouvelle, Marginal*

Da parte da tarde, o guia levou-nos a conhecer um pouco da zona mais moderna da cidade, mais afastada da Medina antiga e das zonas de comércio e habitação tradicionais. Aqui, é tudo bastante diferente daquilo que tinha visto até então, onde prevalecem compridas avenidas e imponentes edifícios, onde o ruído é acima de tudo consequência do trânsito automóvel e dos transportes públicos, e talvez a zona onde menos sentisse que realmente estava em África, por não ser bem aquilo que imaginara anteriormente. No entanto, não deixava de ser uma zona excitante para estar, repleta de gente, os táxis sem parar de um lado para o outro, ultrapassados pelas motoretas barulhentas e cheias de pressa, e o ruído de fundo dos carris do tram a preencher o cenário.

Ao longe, a enorme fileira de palmeiras a acompanhar a marginal, onde atracavam pequenas embarcações de recreio e outras. Neste momento, tinha consciência e noção da diferença da quantidade de pessoas e da escala da cidade em comparação com Tânger, uma cidade muito mais pequena e “rústica” a todos os níveis.

Por fim, e depois de uns belos quilómetros percorridos e algum cansaço nas pernas, recolhemos ao navio, dando por terminado este primeiro dia em Casablanca, programando para o dia seguinte a visita à Mesquita Hassan II, o grande símbolo religioso e arquitetónico da cidade.

• Casablanca: memória e reflexão.



Figura 14 - Mesquita Hassan II



Figura 15 - Mesquita Hassan II



Figura 16 - Mesquita Hassan II

Quarta-Feira, 26 de Abril de 2006

Visita à Mesquita Hassan II

Não podíamos de forma alguma deixar de visitar a Mesquita, por diversas razões. Para além de ser a maior mesquita de Marrocos e uma das maiores do mundo, esta é uma das poucas que permite a visita a turistas não muçulmanos.

O dia era solarengo, e a enorme praça que antecede a mesquita estava já muito bem composta por imensos turistas. Desde logo fiquei maravilhado com o facto de aquele templo “pousar” sobre o mar, mesmo com tamanha escala e imponência, criando uma paisagem única em que a torre pega destaque num horizonte azul. Estava, sem dúvida, perante o maior edifício que alguma vez havia visitado. As arcadas, tal como as portas, todas elas muito altas e a torre perdia-se de vista ao olhar a partir da base. O verde dos mosaicos e o tom amarelado do mármore e do granito dominavam o ambiente no exterior, que muito facilmente me seduzia e me despertava ainda mais a curiosidade de conhecer o interior.

Seguimos depois para o interior, onde de imediato fomos convidados a tirar os sapatos, como forma de respeito, e assim permanecemos durante toda a visita. Fiquei bastante impressionado com todo o luxo que encontrei no interior, em contraste com a pobreza da própria cidade e das pessoas que lá vivem. Desde os candelabros em ouro maciço, às espessas portas em titânio que se erguiam para a entrada das pessoas, os amplos espaços pontualmente iluminados por velas, tudo aquilo me fascinou imenso.

• Casablanca: memória e reflexão.



Figura 17 - Mesquita Hassan II, plano do interior



Figura 18 - Mesquita Hassan II, plano interior do *Hamman*

As orações ecoavam por todo o espaço interior, e era por vezes arrepiante o silêncio conjugado com todo o ambiente em redor. As paredes, todas elas decoradas e esculpidas ao pormenor, faziam-me pensar nas pessoas que ali trabalharam durante anos, e na sua dedicação e devoção para com a religião que praticam.

Para além dos espaços mais amplos de oração e das salas menores, existem também salas de banhos, estas nos pisos inferiores, biblioteca e museu. A sala do *Hamman*, ou banho turco, é verdadeiramente fascinante. Composta por 3 diferentes zonas, sendo uma delas uma enorme piscina, cobrindo praticamente toda a área desta sala, onde a água quente refletia as colunas cobertas de pequenos mosaicos, que também estão presentes no chão da piscina. Confesso que a minha vontade era apenas a de me atirar lá para dentro, tal era o calor que se fazia ali sentir devido às saídas de vapor, e também à curiosidade que aquela água tão quente me despertava. Existe ainda, num dos pisos inferiores, uma sala de purificação, processo este que antecede as orações e que consiste na lavagem das mãos, cara e pés até ao tornozelo, que os fiéis realizam sempre antes da prática ao culto. Achei esta sala realmente muito bonita, repleta de colunas e de dezenas de fontes em formato de flor de lótus, para onde a água do mar corre diretamente e onde os fiéis se purificam.

Era muito interessante observar as pessoas a dirigirem-se à mesquita na hora da oração. A maneira como “obedecem” ao chamamento que se ouve do alto do minarete, 5 vezes ao dia, marcando o ritmo das suas vidas de forma tão devota e espiritual.

E foi com esta visita que se deu por terminada a estadia na cidade de Casablanca, onde muitas outras coisas ficaram por visitar e conhecer, para além do essencial programado. Partíamos agora em direção a Agadir, a última das três paragens, onde iríamos passar o último dia da aventura.

• Casablanca: memória e reflexão.

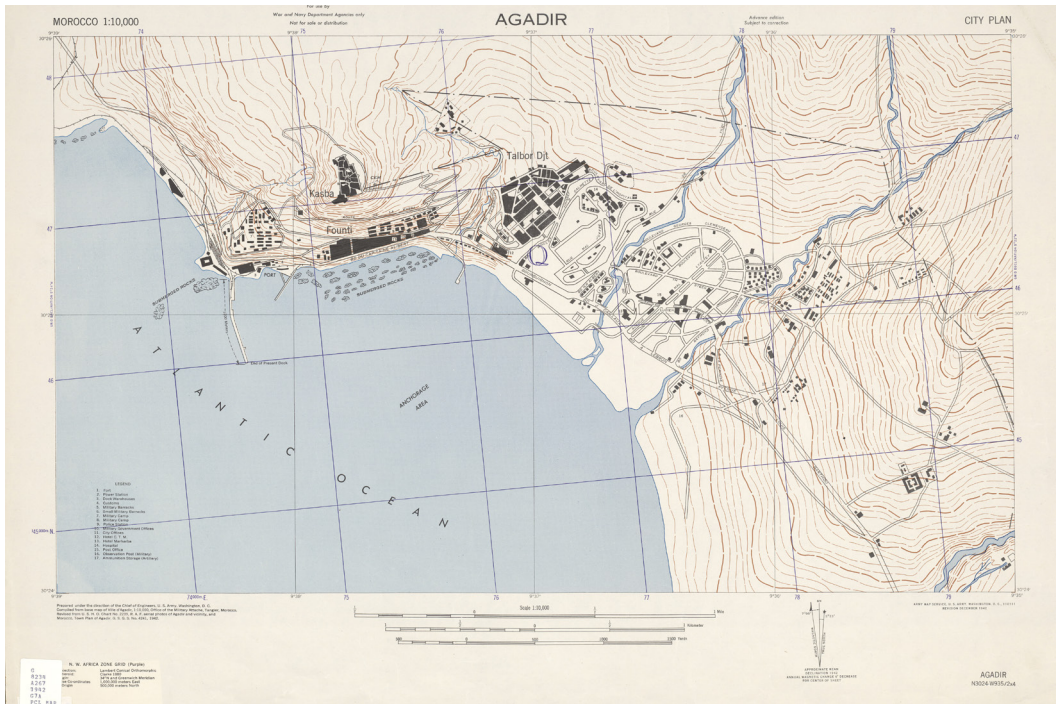


Figura 19 - Planta da cidade de Agadir



Figura 20 - Vista Panorâmica, Agadir



Figura 21 - Costa de Agadir

Quinta-Feira, 27 de Abril de 2006

Rapidamente chegou este último dia em Marrocos, para muita pena minha. Era agora a costa de Agadir⁷ que aparecia ao longe, e a sua imensa linha de praias de areia branca logo dava a entender que era uma cidade diferente das anteriores. Ao fundo, na montanha, três enormes palavras em árabe gravadas na vegetação saltavam automaticamente aos olhos de quem por ali passava, mesmo sem saber o seu significado.

Visita à cidade

O espaço de tempo para esta visita era mais curto, comparativamente com as duas outras cidades, e, talvez por isso, seja aquela da qual tenho menos memórias, ou pelo menos não tão claras como as anteriores.

É, sem dúvida, uma cidade que vive para o turismo, e isso foi bastante claro à primeira vista. Para além das extensas praias, como referi anteriormente, toda a marginal é ocupada por pequenas lojas, lojas estas que nada têm a ver com aquelas que descrevi nas anteriores visitas, uma vez que não se limitam a vender produtos típicos da região e da sua cultura, mas acima de tudo produtos que servem os interesses de uma sociedade mais consumista, como é a europeia e a americana.

⁷ Até à construção da Fortaleza de Santa Cruz do Cabo de Gué, pelos portugueses, em 1505, Agadir era apenas uma aldeia costeira de pescadores. No entanto, já em finais do mesmo século e início do século seguinte, tornou-se numa baía bastante importante, desenvolvendo uma boa relação comercial para com o resto da Europa, para onde exportava variados produtos lá produzidos, essencialmente açúcar, peles, couros e cobre. Já nos anos 60 do século XX, e com a cidade contando com cerca de 40.000 habitantes, um sismo causou a destruição de grande parte da mesma, obrigando assim à reconstrução de novos bairros e equipamentos. Como consequência, Agadir acabou por se tornar num dos centros turísticos mais importantes do país, onde abundam as praias, os hotéis e cafés, muito ao estilo europeu, contrastando com a típica paisagem africana, acima de tudo marroquina.

• Casablanca: memória e reflexão.



Figura 22 - Costa de Agadir, zona balnear

Muitos eram os turistas, e nós, fazendo jus à palavra, entrámos também em algumas destas lojas, de onde acabámos por levar lembranças para os familiares mais próximos.

Como o tempo era curto, optámos por fazer exatamente aquilo que a cidade nos pedia para fazer, praia. Não posso dizer que foi das praias em que mais gostei de estar, uma vez que éramos constantemente observados pelas pessoas locais, principalmente pelos homens, talvez pelo facto de a minha mãe ser das poucas mulheres ali com mais partes do corpo à vista do que apenas os olhos. Isto impressionou-me bastante, perceber que até na praia as mulheres locais se vestiam da cabeça aos pés, apenas com os olhos descobertos, e que de forma alguma podiam contrariar esse costume, seria uma falta de respeito para com o mesmo e para com a sua religião e cultura. No entanto, um aspeto que achei particularmente engraçado, foi o facto de alguns homens se fazerem acompanhar por camelos. Uns deles vendedores ambulantes, que se valiam do animal para transportar os produtos que vendiam, e outros apenas questionando os turistas se estariam interessados em dar um passeio de camelo à beira mar.

Chegava a hora de regressar ao navio, e terminava assim a estadia em Marrocos. Um país que me fascinou imenso, com uma cultura e crença na religião muito vincadas, que se espelham tanto na arquitetura como no dia-a-dia das pessoas que a habitam.

II. Contextualização histórica • Casablanca

No século XIII, a cidade de *Anfa* ocupava a área agora denominada de Casablanca. *Anfa* funcionava como um importante porto comercial do norte de África, não estando claramente relatado por qual Império foi fundado. Já em meados do século XV, em 1468, *Anfa* foi completamente destruída por parte dos Portugueses, que a partir das ruínas construíram uma Fortaleza militar, ao qual deram o nome de *Casa Branca*. A cidade viria a estar sobre domínio Português até ao grande terramoto de 1755, que destruiu totalmente o núcleo urbano que se foi desenvolvendo em torno do Forte. Consequentemente, o Sultão Sidi Mohammad Ben Abdellah ordenou a reconstrução da cidade, batizando-a de *Dar-El-Beida*.

Durante o século XIX, muitos comerciantes franceses e espanhóis fixaram-se na cidade, e, assim, Casablanca foi aos poucos evoluindo comercialmente, até que, já no início do século XX, em 1907, as tropas francesas tomaram conta da cidade, iniciando o processo de colonização. Todo este processo, viria a tornar Casablanca no grande centro económico marroquino e no maior porto de África, servindo assim de exemplo da iniciativa e ambição por parte dos Franceses, que rapidamente potenciaram o crescimento da cidade, não só desenvolvendo o porto marítimo, mas também criando e fixando várias

- *Casablanca: memória e reflexão.*

empresas e indústrias europeias em Casablanca. Tudo isto, conseqüentemente, atraiu muitos trabalhadores vindos das áreas rurais, o que rapidamente levou a uma sobrelotação da cidade.

Todo este período de domínio Francês, na cidade e no país, foi alvo das mais variadas experiências por parte de arquitetos e urbanistas (assunto que será devidamente desenvolvido num capítulo mais avançado do trabalho), assim como refúgio do atribulado momento vivido na Europa, o que acabou, também, por fazer de Casablanca um ponto estratégico no decorrer da 2ª Grande Guerra. Marrocos viria a reconquistar a independência, em 1956.

Como nota de curiosidade, é inevitável referir aquele que é um dos ícones da produção cinematográfica, com história precisamente associada à cidade. O filme *Casablanca*, de 1942, dirigido por Michael Curtiz, retrata um drama romântico vivido nesta cidade marroquina, precisamente durante a 2ª Guerra Mundial.

O país, e naturalmente, a cidade, dividem-se em dois diferentes períodos arquitetónicos, sendo eles marcados pela arquitetura tradicional marroquina, e arquitetura moderna (período colonial). A arquitetura tradicional em Marrocos, e no norte de África em geral, resulta de um conjunto de costumes e leis islâmicas, que assim contribuíram para o planeamento e desenvolvimento de habitações e bairros que hoje conhecemos. Em Casablanca, a arquitetura antiga e tradicional situa-se na Medina *Qdima*,⁸ construída em finais do século XVIII e inícios de século XIX. As medinas do norte de África são semelhantes entre si no que toca à aparência e disposição do edificado. No entanto, não existe qualquer tipo de simetria ou planeamento, resultando num conjunto por si só “caótico”, diferindo bastante em relação às áreas urbanas do norte da Europa.

⁸ Medina antiga de Casablanca

- *Casablanca: memória e reflexão.*

Ainda relativamente às medinas, são sempre divididas em espaços públicos e espaços privados, rodeados pela muralha que separa a cidade antiga da cidade moderna, criando uma identidade social muito própria. As ruas variam em dimensão, não só consoante a função que desempenham, mas também consoante o grau de privacidade ou publicidade que se exige delas, sendo a grande maioria bastante compridas e estreitas, o que impede uma forte incidência solar sobre as mesmas. Os materiais mais comuns utilizados nas construções são a pedra, madeira, terra e tijolo.

No interior da Medina, a dimensão e importância dos espaços públicos seguem uma hierarquia consoante o centro da mesma, onde se encontram a Mesquita, o *souq*,⁹ e escolas religiosas. Sendo este o nível mais alto da hierarquia, segue-se o segundo nível, relativo às áreas residenciais onde existem escolas públicas e os *hammam*,¹⁰ seguindo-se o terceiro e último nível da hierarquia, relativo às ruas públicas residenciais, onde se encontram as pequenas lojas e mercearias do dia-a-dia dos habitantes. Também o *souq* é organizado hierarquicamente, sendo vendidos no centro os produtos mais importantes na cultura e religião muçulmanas, descendendo até às muralhas da Medina, onde se encontram os artesãos e vendedores de bijuteria.

Quanto aos espaços privados, são considerados as áreas de habitação, em torno do centro da Medina, que formam pequenos bairros em compridas ruas sem saída, estas denominadas de *Derb*. O início de um *derb* é sempre marcado por um arco, ou arcos, entre os edifícios, não só para fazer a marcação do início da rua, mas também para lhe oferecer uma sensação de maior privacidade. As construções são densas, protegendo o interior das habitações, proporcionando-lhes um carácter compacto e anónimo, estando protegidas das áreas e vivências públicas.

⁹ Mercado a céu aberto

¹⁰ Banho turco

• *Casablanca: memória e reflexão.*

A disposição das habitações ao longo do *derb* demonstra também uma hierarquia, sendo que quanto mais para o interior da rua e mais próxima do beco sem saída, mais protegida está, e maior é o grau de privacidade da habitação.

As habitações tradicionais são conhecidas por *dar*, ou “casa-pátio”. Este pátio é a principal característica do modelo habitacional, acabando por ter grande importância no quotidiano e um papel preponderante na composição espacial. A céu aberto, este espaço central exterior é rodeado pelos vários compartimentos, permitindo uma adequada ventilação no interior. A entrada de luz solar é também controlada pelas aberturas para o pátio, uma vez que são poucas aquelas viradas para a rua. Isto garante maior privacidade ao interior, e resulta numa composição de fachada bastante simples e homogénea, com pé direito considerável, de modo a não permitir a visão para lá das paredes exteriores. Os compartimentos, por norma, não têm um programa específico, podendo ser utilizados para diferentes propósitos consoante as necessidades e ocasiões dos habitantes.

A arquitetura moderna em Marrocos, e no Norte de África em geral, pode ser facilmente associada às influências por parte da arquitetura europeia e ao seu desenvolvimento. Durante o período de domínio Francês no país, muitos novos bairros foram construídos, e mesmo depois da restauração da independência Marroquina, as influências europeias na arquitetura moderna mantêm-se. Estes bairros modernos são totalmente diferentes das antigas medinas, uma vez que seguem princípios de planeamento europeus, onde se evidenciam as grandes avenidas e os blocos de quarteirão bem definidos segundo um padrão estrutural. Predominam o betão e o aço como materiais construtivos.

• *Casablanca: memória e reflexão.*

Esta nova “cidade” construída pelos Franceses nasceu em torno das muralhas da Medina, sendo denominada de *Ville Nouvelle*. No entanto, no início do século XX, existia ainda a ideia de que os habitantes Marroquinos deveriam viver na Medina, sendo as *Villes Nouvelles* destinadas apenas aos Europeus.

Muitos dos edifícios modernos são vivendas senhoriais da época colonizadora, com traços muito típicos da arquitetura sul-europeia e, pontualmente, alguns elementos tradicionais Marroquinos. As varandas e os fartos jardins delimitando os lotes são características comuns a estas habitações, assim como as muitas entradas de luz e as imponentes portas de entrada principais. Também os edifícios de habitação coletiva são bastante comuns desta época, de forma a dar resposta ao rápido crescimento e desenvolvimento da cidade, assim como do exponencial aumento da população, num período em que muitas eram as experiências arquitetónicas e urbanas postas em prática na grande “capital económica” Casablanca.

III. Marrocos • “O laboratório Francês”

As décadas de 1940 e 1950 foram sem dúvida um período de forte transformação e evolução do Norte de África, mais concretamente em Marrocos. Muitos arquitetos modernistas “apropriaram-se” das colónias francesas, fazendo delas não só “cobaias” para investigação e experimentação, servindo como laboratório a uma exploração e modernização pós 2ª Grande Guerra, mas também como refúgio e fuga a toda a turbulência vivida na Europa durante a mesma. Seguindo o pensamento da arquiteta Alison Smithson, a parte norte Africana pertencente ao Império Francês caracterizava-se por ter um grau de liberdade tal que permitia testar novas e diferentes abordagens arquitetónicas e urbanas nas metrópoles.

A modern France, full of hope appeared in North Africa: One did not see any deviations towards the modern movement that were so typical for the intermediate European generations. In Africa there was plenty of espace and soleil, and in the neighbourhoods the white cubic volumes, the verdure and the private spaces that were related to the dwelling symbolised the clarity of the partis: the four functions counted and made some kind of sense.¹¹

¹¹ Smithson, *Team 10 Meetings*. “Uma França moderna, cheia de esperança, apareceu no Norte de África: não se observaram quaisquer desvios em relação ao movimento moderno, algo típico para as gerações intermédias europeias. Em África havia espaço e sol, e nos bairros os volumes cúbicos brancos, os espaços verdes e privados relacionados com a habitação simbolizavam a clareza dos partidos: as quatro funções contavam e faziam algum sentido.”

• Casablanca: memória e reflexão.

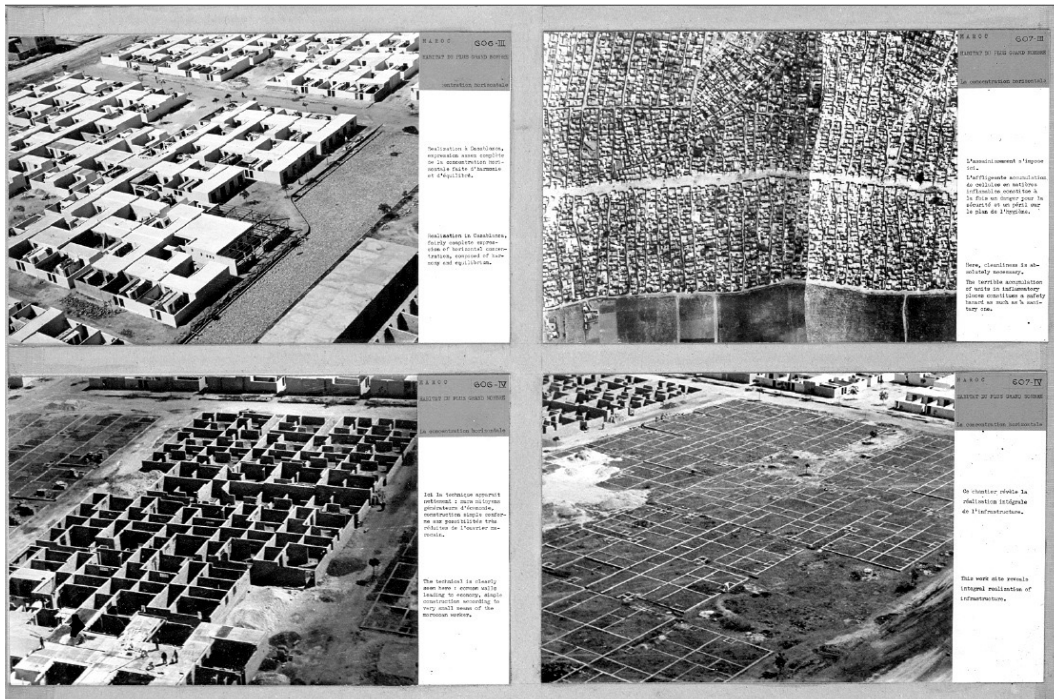


Figura 23 - habitat du plus grand nombre, Georges Candilis

Surgiu, assim, no início dos anos 50, o ATBAT-Afrique, uma repartição africana do original ATBAT (Atelier de Bâtitseurs), criado por Corbusier no fim da década de 40 aquando da construção da *Unité d’Habitation in Marseilles*. Tinha como propósito desenhar, construir e acompanhar projetos de arquitetura e urbanos, recorrendo às mais inovadoras e modernas técnicas ao dispor.

Faziam parte do ATBAT-Afrique arquitetos como Shadrach Woods e Georges Candilis, este último colaborador de Corbusier no seu atelier, tendo participado inclusive no CIAM¹² IV (1933, Atenas).

Candilis, arquiteto grego nascido no Azerbaijão em 1913, formou-se em Atenas, e desde cedo no seu percurso como arquiteto colaborou com Corbusier em diversos projetos. Esta colaboração levou à sua nomeação para líder da ASCORAL,¹³ por parte de Corbusier, na década de 1940. Candilis acabou por ter papel fundamental no ATBAT-Afrique, sendo um dos grandes impulsionadores da construção de habitação social no norte de África, mostrando sempre grande preocupação pelo aumento da população nos centros urbanos de Marrocos e a sua rápida modernização. Foi, a par de Woods, líder desta repartição em Casablanca, que acabou por cessar e fechar portas no início da década de 1950, devido a alguma instabilidade social e, conseqüentemente, a uma atmosfera pouco propícia ao seu desenvolvimento e existência. Depois de regressar em definitivo a Paris, e em colaboração com o Team X, o seu principal contributo focou-se essencialmente na ideia de *habitat du plus grand nombre*, uma ideia que recebeu bastante foco e atenção no CIAM IX, em 1953, e que levou a um mais profundo desenvolvimento da ideia de *habitat évolutif*, integrando a problemática do crescimento e mudança ao nível da habitação.

¹² Os Congressos Internacionais da Arquitetura Moderna (do francês Congrès Internationaux d’Architecture Moderne ou simplesmente CIAM) constituíram uma organização e uma série de eventos organizados pelos principais nomes da arquitetura moderna internacional a fim de discutir os rumos a seguir nos vários domínios da arquitetura (Paisagismo, Urbanismo, Exteriores, Interiores, Equipamentos, Utensílios, entre outros).

¹³ Assemblée de constructeurs pour une rénovation architecturale.

• Casablanca: memória e reflexão.

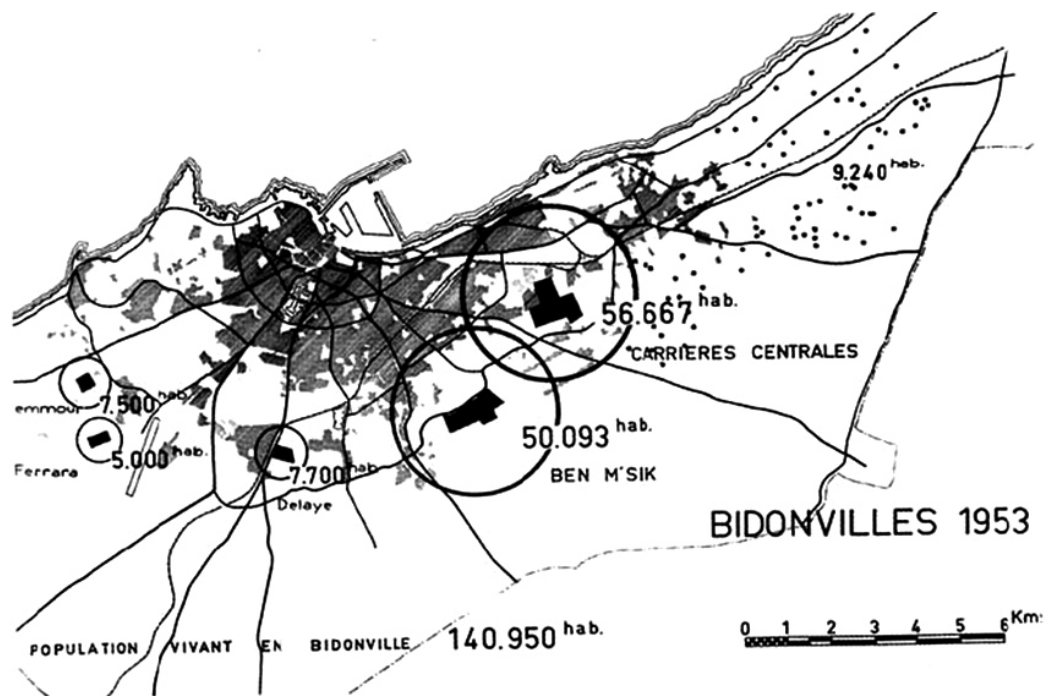


Figura 24 - População alojada nas *bidonvilles*, Ecochard, 1953



Figura 25 - Plano para a auto-estrada Casablanca-Rabat, Ecochard

Alguns dos colaboradores do ATBAT viriam a tornar-se mais tarde membros do GAMMA,¹⁴ oficializado no CIAM VIII, em Hoddesdon, em 1951. Deste grupo fazia parte Michel Ecochard, que esteve por trás do desenvolvimento do 2º plano urbano para a cidade de Casablanca, dando seguimento à preocupação de Candilis em relação ao acelerado aumento da população na cidade, e ao aparecimento das *bidonvilles*,¹⁵ consequência do grande êxodo rural por parte das classes sociais mais baixas.

*Demographic growth and the influx of rural populations into the cities leads to the over-population of neighbourhoods (more than 1000 inhabitants per hectare) and the creation of outlying zones known as “bidonvilles”.*¹⁶

Michel Ecochard, arquiteto francês e planeador urbano na África colonial e pós-colonial, formou-se pela Escola de Belas Artes de Paris, em 1929. Foi desde muito cedo bastante influenciado pelas ideias modernistas da construção industrializada e estudos de arquitetura vernacular em torno do Mar Mediterrâneo. Depois da 2ª Guerra Mundial, participou na viagem ao EUA, juntamente com Corbusier e outros arquitetos, tornando-se membro do CIAM, e designado pelas Nações Unidas para um estudo habitacional no Paquistão, em 1946. Foi depois nomeado “chefe” do departamento *Service de l’Urbanisme*, em Marrocos, pelas entidades francesas, e onde liderou um grande programa urbanístico para Casablanca, incluindo projetos e investigação para o alojamento de mais habitantes, em que estabeleceu um plano com diferentes zonas residenciais de alta e baixa densidade, e eixos de comunicação e trânsito perfeitamente definidos, tal como a autoestrada Rabat-Casablanca. A mais importante parte do seu trabalho foram sem dúvida as casas *low-cost* para trabalhadores fabris marroquinos. Um plano que sintetiza os básicos princípios industriais da construção com elementos vernaculares, as tão chamadas “casa-pátio”.

¹⁴ *Groupe d’Architectes Modernes Marocains*

¹⁵ *Bidonvilles*, ou favela, termo aplicado pela primeira vez em Casablanca, no início do século XX.

¹⁶ Ecochard, «Habitat Musulman au Maroc». “O crescimento demográfico e o fluxo de populações rurais para as cidades leva à sobrepopulação de bairros (mais de 1000 habitantes por hectare) e à criação de zonas periféricas conhecidas como «bidonvilles».”

• Casablanca: memória e reflexão.

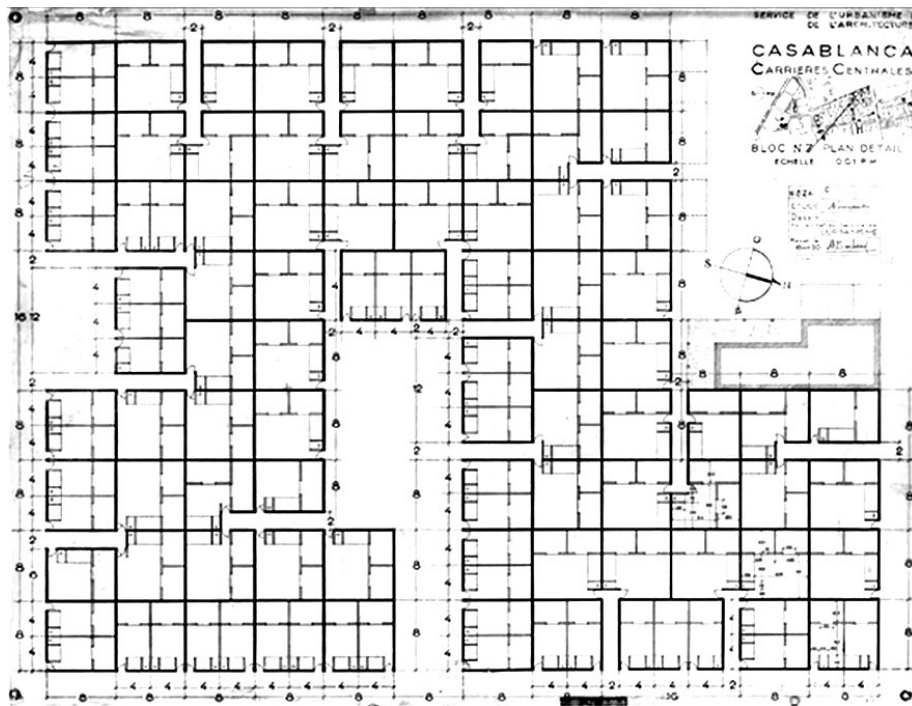


Figura 26 - A Grid de Ecochard, plano para *Carrières Centrales*



Figura 27 - *Carrières Centrales*, Ecochard

Em Casablanca, onde foi diretor do *Morocco Department of Urban Planning* (1946-1952), desenvolveu um conceito de planeamento urbano muito específico. O reconhecimento das características físicas e sociais do lugar foi determinante, obedecendo às premissas: *the art of urban planning*, e *fitting into reality*. Baseou-se em investigações sociológicas, realidades diárias das pessoas, estatísticas e análises cartográficas, de modo a identificar as tendências fundamentais da cidade.

Para construir de modo a responder ao maior número de trabalhadores, a grande maioria consequência do êxodo rural, Ecochard estabeleceu uma *Grid* (grelha) como principal instrumento de planeamento para novos bairros que substituíssem as numerosas *bidonvilles* dos anos 40 e 50. A *Grid* de Ecochard foi dimensionada de acordo com a tipologia da casa-pátio, acreditando ser o habitat mais apropriado para os futuros habitantes, anteriormente residentes nas *bidonvilles*.

A sua denominada *Housing Grid for Muslims* tinha por medidas base unidades com oito por oito metros (8x8), e consistiam em duas salas interiores e um generoso espaço exterior, fazendo referência ao pátio Árabe. Este projeto é um exemplo muito especial do modernismo multicultural que foi especificamente desenvolvido nas colónias europeias. Por um lado, Ecochard tentou estudar a casa tradicional Árabe e as suas funções, tendo em conta todas as questões culturais e religiosas, mas ao mesmo tempo adaptou a grelha estrutural às necessidades do bairro, das habitações e das pessoas, continuando a ser a estrutura urbana que mais prevaleceu nos subúrbios de Casablanca até aos dias de hoje. Tal como muitos outros arquitetos franceses, Ecochard deixou Marrocos, em 1952, durante o movimento anticolonial em Casablanca, para se fixar em Paris.

Os arquitetos do Grupo GAMMA viriam, no entanto, a reconhecer qualidades às *bidonvilles*, que, segundo Candilis, deveriam ser consideradas como ponto de partida para uma mais profunda investigação e abordagem aos

• Casablanca: memória e reflexão.

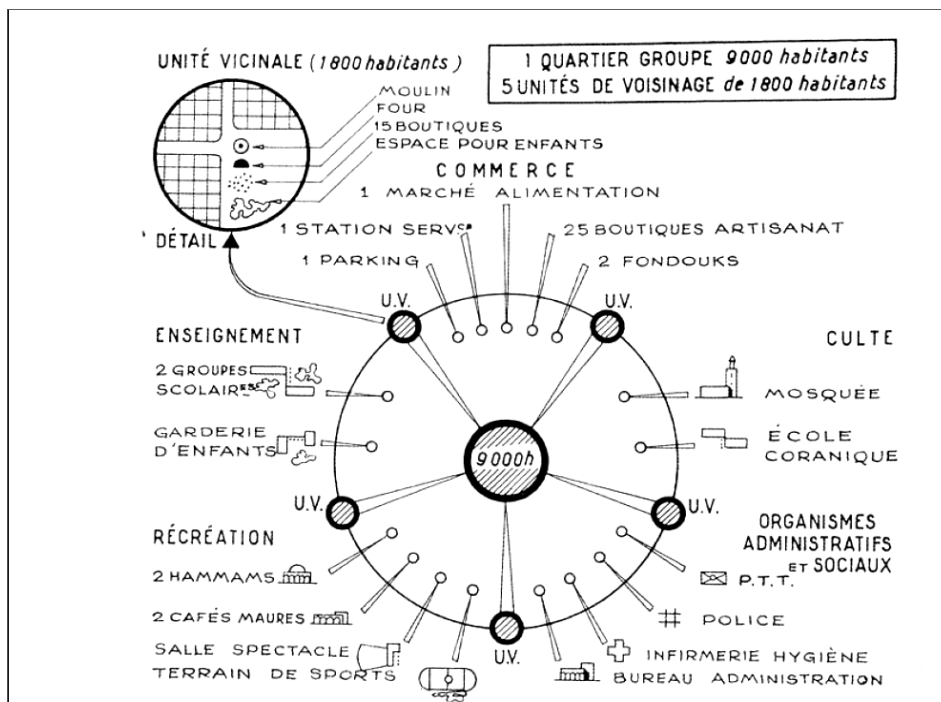


Figura 28 - Neighborhood unit, Ecochard

elementos da arquitetura tradicional e moderna, denominando-as de “novas formas” que aparecem nas cidades industriais, apesar das poucas condições espaciais e higiénicas nelas presentes.

Esta perspetiva viria a ter grande influência nos projetos habitacionais do ATBAT, que considera a *Grid* (grelha) a organização no seu expoente máximo, não valorizando qualquer tipo de classe ou grupo social, mas sim a comunidade, permitindo ainda ser modificada consoante as necessidades, mantendo a ordem e estrutura geral.

No início dos anos 50, a rápida modernização e urbanização levantou um grave problema em Marrocos, uma vez que os planos urbanísticos e habitacionais pensados não respondiam a mais que 10% da população atual, e, para Michel Ecochard, apesar das qualidades apontadas às *bidonvilles*, estas não cumpriam as necessidades básicas de higiene. Por outro lado, existiam as chamadas “novas medinas”, com edifícios pensados ao estilo Europeu, mas que não correspondiam aos costumes e princípios de vida da população Islâmica em geral.

*In order to get on the road to modernization, it is necessary to jettison the old cultural past? Whence the paradox: on the one hand, it has to root itself in the soil of its past...But in order to take part in modern civilization, it is necessary at the same time to take part in the scientific, technical and political rationality, something which very often requires the pure and simple abundance of a whole cultural past. It is a fact: every culture cannot sustain and absorb the shock of modern civilization. There is the paradox: how to become modern and to return to the sources; how to revive and old dormant civilization and take part in universal civilization.*¹⁷

¹⁷ Avermaete e Ockman, *Another Modern*, 135. “De modo a avançar no caminho da modernização, será necessário desmistificar o velho passado cultural? Daí o paradoxo: por um lado, tem de se enraizar no solo do seu passado...Mas para participar na civilização moderna é necessário ao mesmo tempo tomar parte na racionalidade científica, técnica e política, algo que muitas vezes exige a abundância pura e simples de todo um passado cultural. É um facto: toda a cultura não pode sustentar e absorver o choque da civilização moderna. Existe o paradoxo: como tornar-se moderno e regressar às origens; como reviver a antiga civilização adormecida e tomar parte na civilização universal.”

- *Casablanca: memória e reflexão.*

Este ponto de vista remete-nos para a problemática antigo/moderno, e tudo aquilo que engloba. Se por um lado a evolução tecnológica permite melhores condições de vida aos habitantes e um melhor funcionamento urbano da cidade, por outro chega-se a um ponto em que o tradicional e o moderno estão totalmente separados, sem qualquer tipo de elo de ligação, que faz qualquer sítio perder toda a sua identidade e simbologia cultural, principalmente perante as gerações anteriores. Este foi sem dúvida um dos problemas na rápida urbanização e crescimento de Marrocos.

Quando pensamos nas origens do modernismo, dificilmente Casablanca nos vem à cabeça. No entanto, muitos dos conceitos modernos de planeamento urbano e arquitetura foram testados exatamente nesta cidade, tornando-se, portanto, um “laboratório” para o desenvolvimento da “cidade moderna”, aos olhos de arquitetos e urbanistas.

*(...) has been swallowed up and transfigured by a ville nouvelle. [...] A multitude of boulevards (which are already too narrow) have stepped into the old dirt track, and a mass of luxury apartment houses are springing up at an incredible rate, eating both into the stark countryside and into the derbs, which were cobbled together after the conquest out of assorted pieces of debris.*¹⁸

Segundo Cohen e Eleb, os arquitetos e urbanistas do século XX introduziram uma arquitetura *avant-garde* na cidade de Casablanca, mesmo antes de serem usados semelhantes modelos e estruturas na Europa. No entanto, e de acordo com Jane Jacobs, os modernistas tentam simplificar ao máximo a vida nas cidades desenhando planos abstratos, incutindo-os de forma erradamente generalizada.

¹⁸ Cohen e Eleb, *Casablanca*, 47. “(...) foi engolida e transfigurada por uma *ville nouvelle*. [...] Uma imensidão de avenidas (...) entraram na velha pista de terra batida, e um conjunto de blocos de apartamentos de luxo surgem a um ritmo incrível (...)”

- *Casablanca: memória e reflexão.*

Acredita ainda que a rica complexidade de uma cidade pode ser vista como um imenso laboratório de tentativa e erro, falhanço e sucesso, e deve também ser local de aprendizagem e teste das várias teorias, acreditando numa perspetiva baseada na realidade, e não em utopias.

*The big error of Modernism, is to have accepted to utilize architecture for solving the city's problems in its totality. To have demanded too much from architecture. Because the city, society, and traditions are an entity that resists planning. It's impossible to give life to these utopias.*¹⁹

¹⁹ Verkindere, Casablanca ville moderne. “O grande erro do modernismo é aceitar a utilização da arquitetura para resolver os problemas da cidade na sua totalidade. Ter exigido demais da arquitetura. Porque a cidade, a sociedade e as tradições são uma entidade que resiste ao planeamento. É impossível dar vida a estas utopias.”

IV. Os três períodos de planeamento urbano • Casablanca

No seu livro, *Casablanca, L'urbanisme de l'urgence* (2002), Abderrahmane Rachik identifica três principais períodos que influenciaram o desenvolvimento socio-espacial da cidade. O período do Marechal Lyautey, por via do arquiteto Henri Prost, entre 1917 e 1925; depois entre 1947 e 1955, em que participou e interveio o arquiteto e urbanista Michel Ecochard, e por fim, o período depois de 1981, a intervenção do Departamento de Planeamento Urbano, com a constante presença do Ministro do Interior através da *l'Agence Urbaine de Casablanca*. Os três períodos caracterizam-se não só pelas intervenções e planos dos arquitetos referidos, mas essencialmente pelas mudanças e alterações que foram sofrendo devido, sobretudo, às pressões sociais que se instalavam. Isto, automaticamente, teve efeito nas políticas de urbanização e desenvolvimento espacial.

*In the urban history of modern Casablanca, planning policy was the result of conflicts between the political power and the peripheral urban society.*²⁰

²⁰ Rachik, *Casablanca*. “Na história urbana de Casablanca moderna, a política de planeamento foi o resultado de conflitos entre o poder político e a sociedade urbana da periferia.”

• Casablanca: memória e reflexão.



Figura 29 - Plano de extensão de Casablanca,
Henri Prost, 1917

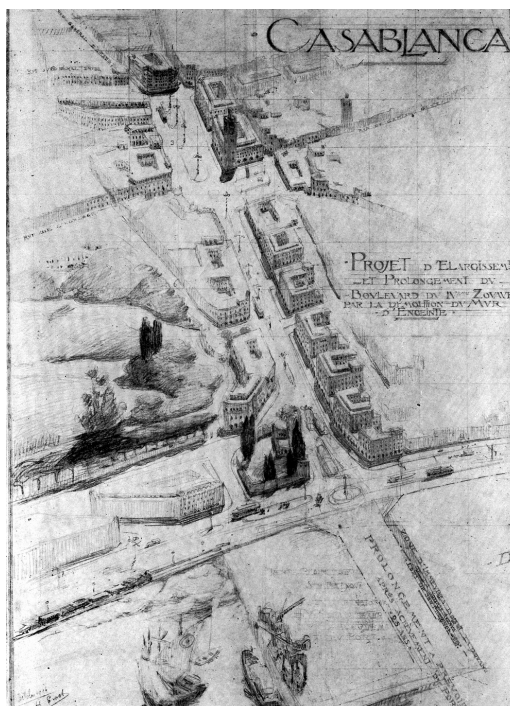


Figura 30 - Plano de prolongamento da Boulevard
Iveme Zouave, Prost

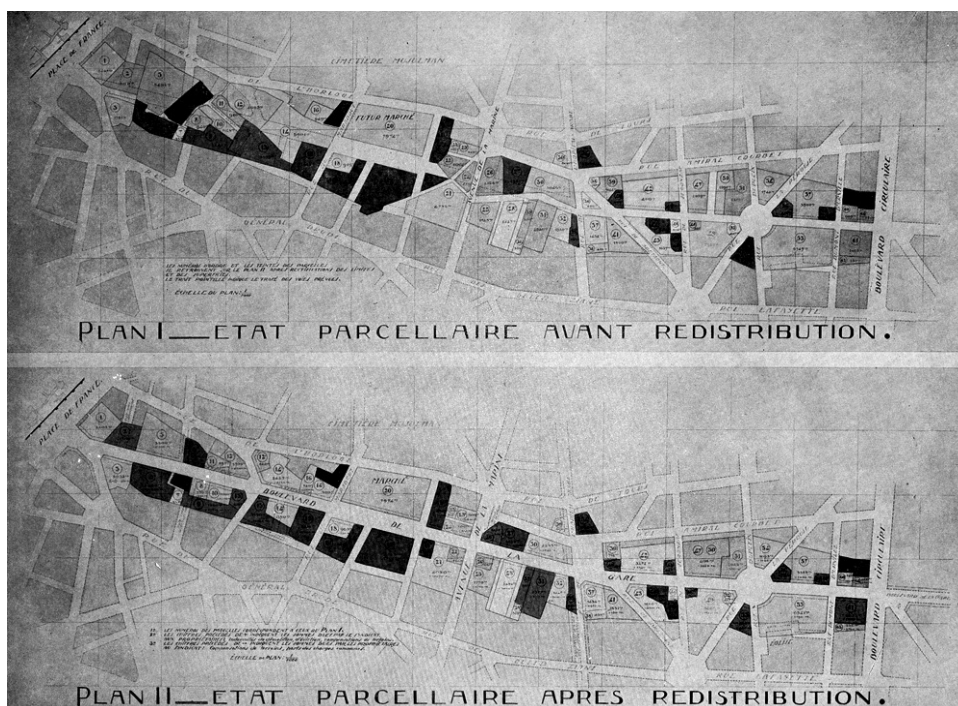


Figura 31 - Plano de extensão de avenidas, Prost, 1917

O primeiro plano urbanístico para Casablanca foi desenvolvido por Prost (1917), durante a resistência marroquina perante o domínio Francês, e em plena 1ª Guerra Mundial. O plano caracterizava-se pela separação espacial entre os europeus e a população marroquina, assim como uma distinção das zonas de modo a garantir uma separação social e étnica, também devido a preocupações higiénicas. O resultado foi uma completa divisão espacial, levando a uma marginalização de muitos habitantes locais que viviam na periferia.

Se por um lado era em Casablanca que se tomavam as decisões mais importantes e onde a arquitetura modernista florescia, por outro, os projetos de cariz social desenvolviam-se num caos total, numa vertente muito capitalista, em que terrenos eram comprados e revendidos de imediato apenas com os lucros em vista.

O segundo plano urbano (1952), foi também ele desenvolvido durante um período politicamente instável, em que os movimentos nacionalistas se batiam com o poder colonial, e em que era urgente dar uma resposta ao rápido e acentuado crescimento da população.

(...) since Prost's departure in 1923, Casablanca didn't have any urban planning anymore.²¹

A reação imediata dos governantes foi a construção de inúmeros bairros de habitação social, sem qualquer alteração nos regulamentos de zoneamento. O principal protagonista foi o arquiteto e urbanista Michel Ecochard, sendo o seu grande propósito integrar as “favelas” na cidade. A cidade tinha crescido de forma significativa desde então, e as previsões para essa mesma expansão urbana não tinham sido respeitadas nem tidas em conta pelos líderes políticos. Ecochard defendia veementemente a ideia de que o desenvolvimento de uma cidade deveria estar nas mãos de arquitetos e urbanistas.

²¹ Ecochard, «Habitat Musulman au Maroc». “(...) desde a partida de Prost em 1923, Casablanca não tinha planeamento urbano.”

• Casablanca: memória e reflexão.



Figura 32 - Bairro Hay Mohammadi, Ecochard, 1952

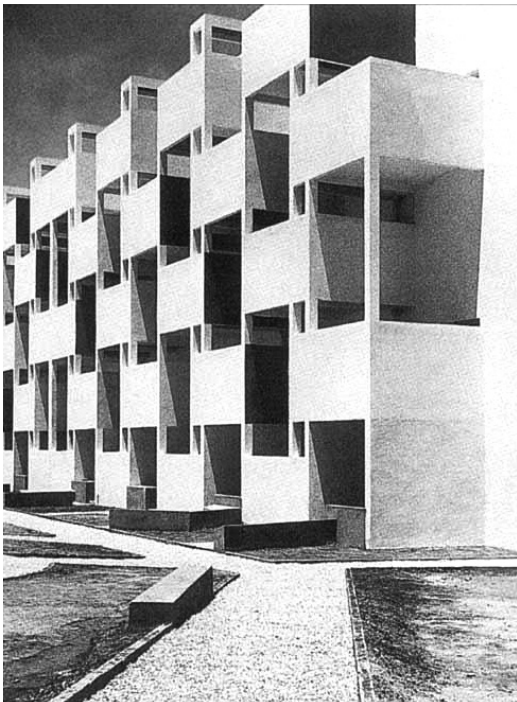


Figura 33 - Bairro Hay Mohammadi, anos 50



Figura 34 - Bairro Hay Mohammadi, no presente

Sempre muito inspirado e seguindo as premissas da *Charte d'Athènes*,²² dava bastante ênfase à criação de zonas independentes, sendo cada uma delas destinada a habitação, trabalho, lazer e transportes. Um dos seus principais projetos foi a reconstrução da *bidonville Carrière Centrales*, transformando-a num bairro para a classe trabalhadora, o bairro Hay Mohammadi.

Segundo Rachik (2002), tanto o plano de Prost como o de Ecochard não responderam às necessidades socio-espaciais da população, mas sim apenas às exigências políticas e económicas (capitalismo, estabelecimento de indústrias e comércio), às pressões demográficas (alojamento para emigrantes europeus), e também aos interesses dos mais higienistas.

Já nos anos 60, foi desenvolvido um outro projeto, o bairro Hay Hassani. Este foi uma espécie de consequência do acelerado aumento da população na favela Derb Jdid, que no fim dos anos 50 contava já com cerca de 15.000 habitantes, a grande maioria deles oriundos das zonas mais rurais de Marrocos. Era, assim, intenção do Governo construir um novo bairro em que as habitações respondessem e garantissem maior conforto aos habitantes da favela, não só a nível económico, mas também higiénico. Assim, o arquiteto marroquino Elie Azagury,²³ encarregado do plano diretor para Hay Hassani, adaptou algumas das ideias implementadas por Ecochard nas construções do bairro Hay Mohammadi, privilegiando a extensão vertical das habitações em blocos, nos quais, mais cedo ou mais tarde, iriam ser adicionados um ou mais fogos por parte dos habitantes, consoante as suas necessidades.

²² Carta de Atenas: manifesto urbanístico concebido por Corbusier e outros arquitetos e urbanistas, resultante do IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), realizado em Atenas, em 1933. Contém as principais ideias de arquitetura e planeamento urbano modernistas, com a intenção de tornar as cidades mais eficientes, racionais e higiénicas. Foi bastante importante e tida em conta para os vários governos europeus, de modo a reconstruir as cidades devastadas depois da 2ª Grande Guerra. Simultaneamente, tornou-se uma espécie de guia para cidades em desenvolvimento se industrializarem.

²³ Elie Azagury nasceu em Casablanca em 1918, tendo-se formado na Escola de Belas Artes de Paris (1937-1946). Trabalho em Estocolmo, juntamente com o arquiteto Inglês Ralph Erskine, regressando depois a Casablanca, onde permaneceu e participou em variados projetos habitacionais.

• Casablanca: memória e reflexão.



Figura 35 - Vista panorâmica do Bairro Hay Hassani

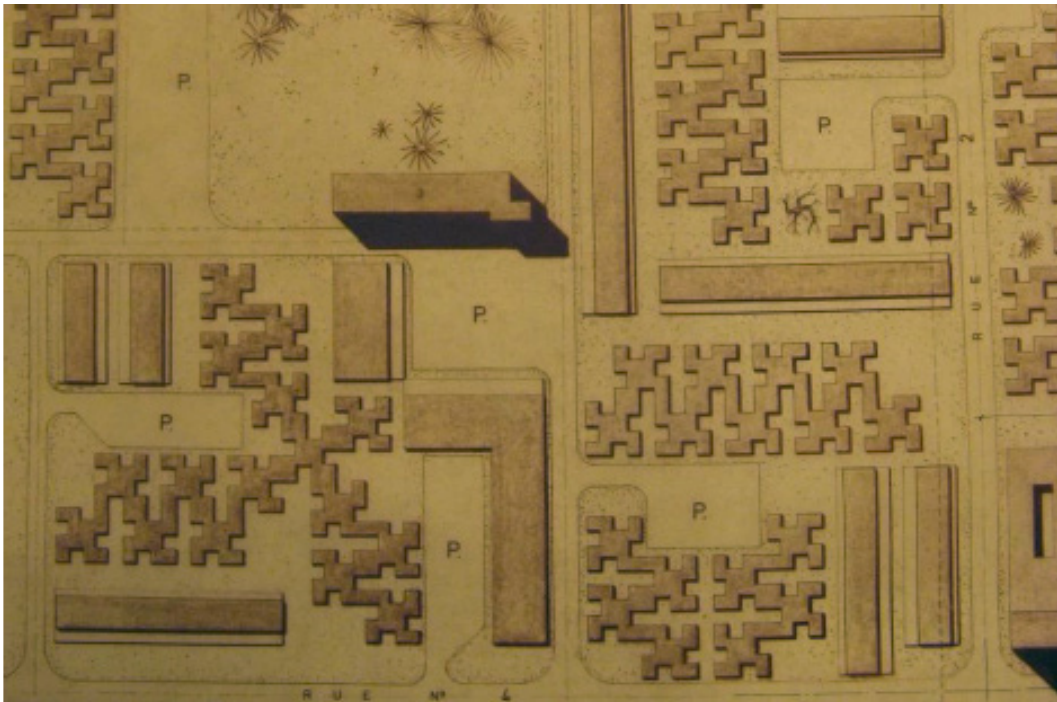


Figura 36 - Projeto para o Bairro Hay Hassani, Elie Azagury, anos 60

De maneira a evitar alguma possível monotonia arquitetónica e social no bairro, Azagury optou por diferentes tipos de blocos habitacionais, destinados aos diferentes estatutos sociais dos próprios habitantes, em que estes se apropriavam dos pátios exteriores, transformando-os em espaço útil, ou acrescentando andares. É visível na Figura 36 o desenho das ruas e definição dos quarteirões, assim como a disposição dos vários blocos de habitação.

O terceiro plano urbano foi apresentado pelo *Urban Planning Department Casablanca*, em 1984, por via do arquiteto Michel Pinseau, de forma a lidar com os violentos tumultos que haviam ocorrido em Casablanca em junho de 1981, onde motins tomaram conta sobretudo dos bairros da classe trabalhadora. Tudo isto obrigou a tomar medidas, e à realização de um plano para toda a zona metropolitana da cidade, uma (re)densificação das áreas urbanas menos tratadas e uma extensão do sistema rodoviário urbano. Foi também encarregado do projeto para a Mesquita Hassan II.

*The 'urbanism of emergency' in Casablanca is characterized by the pressure of the social tensions on the Government and by a rapidity of financial approval for social housing in the hope to uphold social peace.*²⁴

Os vários projetos para o planeamento urbano acabam por contar a história do urbanismo moderno experimental muito ativo em Casablanca, provando assim ser uma cidade que serviu de experiência e investigação a todos estes arquitetos e urbanistas modernos, que de certa forma ali se refugiaram de toda a turbulência vivida na Europa nas décadas de 1940/50. Desde a implementação de zonas de Henri Prost, à visão funcionalista da *Grand Casa* de Michel Ecochard, inspirada na Carta de Atenas, várias soluções foram sendo apresentadas para planear, acomodar e controlar o caótico e heterogéneo desenvolvimento da cidade.

²⁴ Rachik, *Casablanca*. "O «urbanismo de emergência» em Casablanca é caracterizado pela pressão das tensões sociais sobre o Governo e por uma rapidez de aprovação financeira para a habitação social na esperança de defender a paz social."

V. Casablanca • Viagem 2016

Sexta-feira, 28 de Outubro

VOO AT 081 - Royal Air Maroc 28/10/2016
SAÍDA: Lisboa, PT (Lisboa) 28/10/2016 17:00
CHEGADA: Casablanca, MA (Mohamed V) 28/10/2016 18:20
LOCALIZADOR COMPANHIA AÉREA: 1A/48RA6R
DURAÇÃO: 01:20

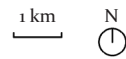
A viagem era curta, e assim que me ia aproximando da costa, a vista da minha janela era fantástica. Era perceptível a divisão das enormes porções de terreno cultivado, e impressionou-me bastante o facto de nos arredores da grande cidade, praticamente todas as estradas e ligações serem (ainda) em terra batida. Aterrámos logo de seguida num dos aeroportos da cidade, Aeroporto Mohamed V,²⁵ um edifício muito tosco e com aspeto antigo na periferia da metrópole, aparentemente muito atrativo para os milhares de pássaros que pousavam nas barras metálicas horizontais que compunham as fachadas.

²⁵ O Aeroporto Internacional Mohammed V é um aeroporto operado pela agência marroquina aeroportuária ONDA. Localiza-se em Nouaceur, um subúrbio situado a 25 quilómetros a sul do centro de Casablanca, sendo o aeroporto que suporta mais tráfego aéreo de Marrocos - mais de 5,8 milhões de passageiros passaram através do aeroporto em 2007. O aeroporto é o principal da linha aérea da bandeira marroquina Royal Air Maroc, tendo este nome em honra ao rei Mohammed V de Marrocos.

• *Casablanca: memória e reflexão.*



Figura 37 - Casablanca, vista aérea da cidade



Sexta-feira é o dia santo da semana na cultura muçulmana, e, portanto, o aeroporto estava praticamente deserto, sendo exceção a presença de alguns funcionários de limpeza e agentes da autoridade no controlo de passaportes.

A direção era agora a gare de comboios, onde iríamos apanhar aquele com destino a *L'Oasis*, estação esta que nos fora indicada pelo nosso simpático anfitrião Abdou, a quem alugámos, eu e meu pai, duas camas em sua casa para passar algumas noites, através da plataforma Airbnb.²⁶

Se o aeroporto estava praticamente deserto, então que dizer desta gare, que parecia uma estação antiga abandonada, onde o silêncio era importunado apenas pelo eco vindo do túnel de circulação dos comboios e do exterior.

Caía a noite, e depois de algum tempo de espera, chegou o comboio, imponente, com dois pisos e bastante largo. Seria uma viagem de aproximadamente 20 minutos, e que nos levaria até *L'Oasis*. Enquanto que a gare de comboios do aeroporto estava deserta, aqui em *L'Oasis* era a barafunda total. Desde pessoas a dormir no chão, aos inúmeros taxistas sempre à procura de clientes, às dezenas de gatos, que se metiam entre as nossas pernas, ao barulho de tanta gente a falar ao mesmo tempo. Saímos do edifício, e logo fomos encaminhados para um táxi que nos levaria ao nosso destino de estadia. Tanto o automóvel como o taxista eram já de bastante idade, dizendo ele, numa espécie de francês com alguns gestos à mistura, que não era preciso apertar o cinto de segurança, assim que peguei nele e reparei que não funcionava. Uns quilómetros depois, chegámos ao nosso destino, onde já nos esperava o Abdou à porta do prédio.

²⁶ Airbnb é um serviço online comunitário para as pessoas anunciarem, descobrirem e reservarem acomodações. Permite às pessoas alugar toda ou partes de sua casa, como forma de acomodação extra. O site fornece uma plataforma de busca e reservas entre a pessoa que oferece a acomodação e o turista que a procura.

• *Casablanca: memória e reflexão.*

Era um apartamento T1, bastante acolhedor, com uma cozinha e casa de banho, e um pequeno pátio exterior junto à sala, simpática, onde os sofás-cama rodeavam uma pequena mesa de chá, ao centro. Era um bairro relativamente calmo, numa zona desenvolvida da cidade, com alguns restaurantes por ali perto e de onde tínhamos acesso a transportes públicos com grande facilidade.

Já depois de instalados, foi-nos aconselhado pelo Abdou um bom restaurante ali perto, onde disfrutámos de uma boa refeição ao estilo marroquino, servida nas suas típicas travessas em barro, e terminada com o famoso chá de hortelã e açúcar. No regresso a casa, tomámos um diferente caminho, também de modo a ambientarmo-nos melhor às ruas do bairro, e neste percurso realmente tive a noção de algumas das diferenças tão marcadas nos hábitos das pessoas e da sociedade. As ruas, muito sujas e maltratadas, mesmo naquela zona da cidade, demonstram essas mesmas diferenças de hábitos de lá para com a Europa.

• Casablanca: memória e reflexão.

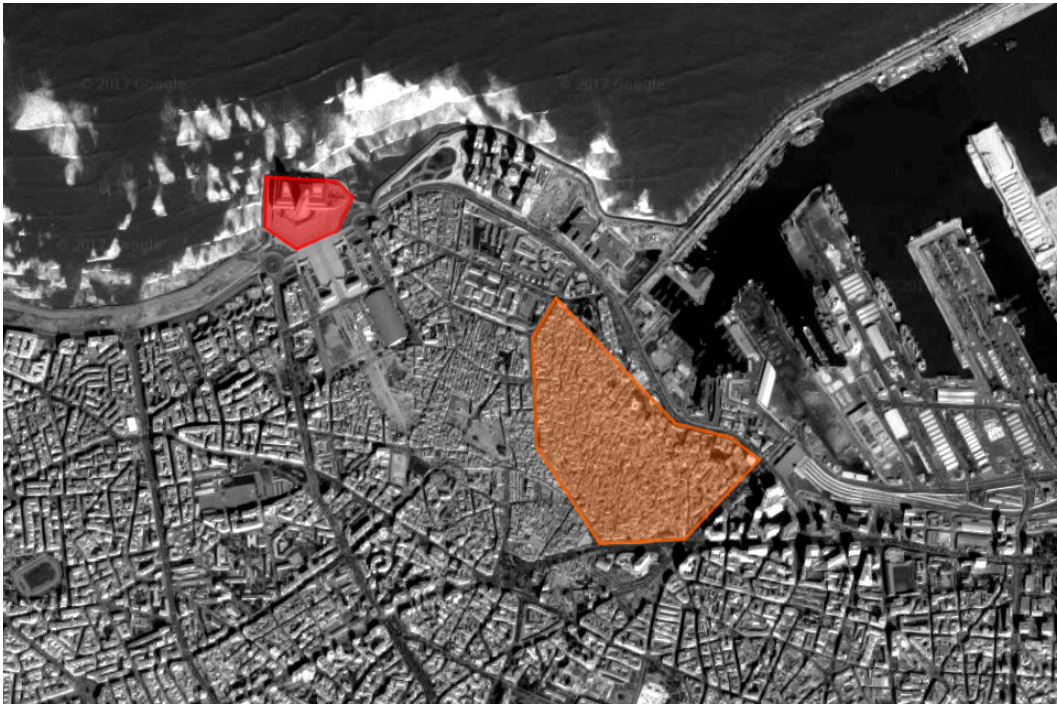


Figura 38 - ■ Medina Qdima
■ Mesquita Hassan II

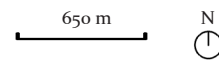


Figura 39 - Mercado Central, entrada Este

Sábado, 29 de Outubro

Começava um novo dia, este destinado à visita ao mercado central, à antiga Medina, e por último à Mesquita Hassan II. Saímos de manhã cedo em direção à estação de tram mais próxima, e o primeiro impacto que senti ao entrar na carruagem, foi perceber as diferenças no vestuário entre as mulheres, mais novas e com mais idade. Se por um lado, as senhoras de mais idade se vestem de modo tradicional, apenas com a cara ou os olhos destapados, por outro, observei que nas mais novas não está tão presente esse princípio, vestindo-se de maneira diferente, muito ao estilo europeu. Foi algo contrastante com as minhas memórias, e que de certa forma me deixou a pensar nas questões culturais e religiosas, que parecem se perder um pouco nas novas gerações, muito influenciadas por outras culturas presentes na cidade e no país, e também pela grande facilidade de acesso à informação e ao que acontece em outras partes do mundo, querendo estas novas gerações acompanhar a evolução, ou seja, “estar na moda”.

A primeira paragem foi na Praça das Nações Unidas, um espaço de grande escala, onde coincidiam o trânsito automóvel com as linhas de tram e a intensa circulação de pessoas. Aqui, uma enorme escultura em ferro no centro da praça escondia por trás a extensa arcada e porta de entrada para o mercado e a Medina, onde entrámos com entusiasmo. A pouco e pouco fui anotando algumas características, nomeadamente a sujidade das ruas e das paredes das construções, a intensa mistura dos cheiros das especiarias com o cheiro das peles de animais, e a desorganização caótica de todo o tipo de tendas vendendo todo o tipo de produto e quinquilharia. Fiquei bastante impressionado com a zona de venda de alimentos, principalmente carne e peixe. A maneira como são tratados os produtos que nos querem vender só me fazia lembrar os mercados a céu aberto da época medieval que conhecemos da história ou até de filmes e documentários.

• Casablanca: memória e reflexão.



Figura 40 - Mercado Central, compra e venda de animais



Figura 41 - Mercado Central, zona de produtos agrícolas



Figura 42 - Mercado Central, panorama

Desde as galinhas ao monte enjauladas, degoladas e esfoladas aos olhos de quem passa, aos grandes nacos e peças de carne de vaca pendurados, até as cabeças, ainda ensanguentadas e cobertas de moscas, aos homens sentados em pequenos bancos a escamar o peixe acabado de pescar, com as mãos da cor da terra. Grandes bancas de frutas e legumes de toda a espécie coloriam as ruas, e os enormes montes de especiarias disfarçavam aquele cheiro tão intenso, que atraía gatos às centenas debicando o que lhes era oferecido.

Apesar da simpatia geral das pessoas que ali trabalhavam, fui, no entanto, várias vezes confrontado por algumas delas que não queriam ser fotografadas, ou que eu fotografasse de todo o que ali se passava, e não era, portanto, fácil conseguir registar tudo aquilo que queria. No entanto, toda esta intensidade de acontecimentos, as músicas de fundo, tão típicas, o cheiro, tudo isso oferecia àquele espaço, àquelas ruas, um carácter genuíno, que remonta a muitas gerações que anteriormente ali faziam exatamente o mesmo que na atualidade, o que faz deste sítio um dos mais ricos e bem preservados culturalmente.

Depois da intensa experiência no mercado central, prosseguimos com a visita à Medina. Era já bastante perceptível o amontoar de casas umas em cima das outras, muito degradadas, todas elas cobertas de antenas parabólicas enferrujadas. As ruas, muitas em terra batida, eram ainda mais estreitas do que a perceção que tinha do passado, menos compridas no entanto, onde o lixo ocupa cada canto, o que não parecia preocupar minimamente as pessoas que ali vivem. Se já tinha sido difícil registar fotograficamente alguns momentos anteriormente no mercado, então aqui na Medina foi ainda mais difícil, e por vezes até um pouco arriscado. Houve mesmo uma senhora que me viu ao longe a fotografar que não achou graça nenhuma, e veio em direção a nós aos gritos, em tom de ameaça, à qual escapámos por entre a multidão.

• Casablanca: memória e reflexão.



Figura 43 - Medina Qdima

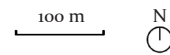


Figura 44 - Medina Qdima, rua habitacional



Figura 45 - Medina Qdima, rua habitacional

Não me foi, assim, possível entrar em nenhuma destas casas, não só pela insegurança e o risco que corria, mas também porque era impossível comunicar com aquelas pessoas, que falavam apenas a sua língua mãe e não se mostravam muito recetivas nem amigáveis para connosco.

A organização das habitações era incrivelmente caótica, encaixando-se umas nas outras onde existisse espaço. Em relação à primeira visita, os percursos eram agora mais claros na minha cabeça, desvanecendo um pouco o mistério que era dobrar cada esquina ou porta, no entanto sem nunca perder o interesse. Todas as habitações tinham em comum as muito poucas aberturas para o exterior, à exceção de algumas varandas em pisos superiores que quase se sobrepunham às da casa em frente, de tão estreitas serem algumas das ruas. A maioria das construções encontram-se num estado muito degradado, sendo que, nas zonas mais pobres, existem muitas até sem cobertura e sem qualquer tipo de divisória entre interior e exterior, algo que me passou um pouco despercebido na infância, mas que levantou neste momento alguma preocupação relativamente às más condições de segurança e higiene daquelas pessoas.

Feito o percurso pela Medina, seguíamos em direção à Mesquita. Era ainda uma boa caminhada, pela marginal, que incluía de passagem um pequeno Forte, construído no século XV pelos portugueses, que agora é um famoso café em Casablanca, o Café Sqala, quase um ponto obrigatório de passagem para os turistas tomarem chá. Muito sossegado, coberto por vegetação e azulejos coloridos, com o som da água presente nos vários repuxos espalhados pelo espaço. Não deixou de ser curioso, não só o facto de não nos saberem dar qualquer informação sobre o passado do Forte, mas também a dificuldade que tínhamos em comunicar com as pessoas, visto a grande maioria falar apenas a língua mãe, e não o francês ou inglês.

• Casablanca: memória e reflexão.



Figura 46 - Mesquita Hassan II



Figura 47 - Mesquita Hassan II, praça de recepção



Figura 48 - Mesquita Hassan II, praça de recepção

Isto, segundo as palavras do nosso anfitrião Abdou, significa que as pessoas que apenas falam a língua mãe não tiveram o mesmo grau de aprendizagem das pessoas que falam também o francês, que significa automaticamente que frequentaram e usufruíram de educação em escolas privadas, e só nessas isso acontecia.

Durante o percurso até à Mesquita, era difícil não reparar no caos que era o trânsito na cidade e nas grandes avenidas. As passeadeiras estão desenhadas, mas é como se não existissem, podendo os peões atravessar apenas quando possível, sendo os próprios condutores a buzinar se por acaso entramos na passeadeira sem lhes conceder prioridade.

Os autocarros públicos, quase todos muito antigos, alguns mesmo muito degradados, sem portas, literalmente, demonstram, do meu ponto de vista, a cultura e esta filosofia do “a desenrascar” por parte dos marroquinos.

Chegámos finalmente às imediações da Mesquita. A grande praça de receção é como uma espécie de “filtro” para quem chega, uma vez que à medida que a vamos percorrendo e aproximando, o silêncio e o respeito ao culto vão-se apropriando de todo aquele panorama, sendo mesmo impossível não o admirar em silêncio. Este foi um aspeto para o qual não tive tanta sensibilidade na primeira viagem, o facto de ser um espaço que carrega este enorme simbolismo, e toda a importância e influência que tem no dia a dia dos habitantes. É um claro exemplo de um espaço que é caracterizado pelas sensações que transmite, onde me senti em paz e grande tranquilidade, em que o silêncio é apenas importunado pelo som das ondas a embater nos enormes muros de suporte que rodeiam a Mesquita. Nos arredores dessa mesma praça, à beira mar, atrás dos muros e patamares que a antecedem, muitas mulheres tentavam fazer negócio vendendo pacotes de lenços aos turistas, ao mesmo tempo que vigiavam os seus filhos pequenos, que por ali andavam a mergulhar e a nadar uns com os outros.

• Casablanca: memória e reflexão.



Figura 49 - Mesquita Hassan II, praça de recepção



Figura 50 - Mesquita Hassan II, plano do interior



Figura 51 - Mesquita Hassan II, plano do interior



Figura 52 - Mesquita Hassan II, plano do interior

Do enorme minarete, que causa vertigens só de olhar para cima, fazem-se ouvir os 5 chamamentos diários para a oração, acabando de certa forma por ter grande impacto na vida das pessoas, e é, portanto, o símbolo maior da cidade e da cultura Muçulmana.

Já no interior da Mesquita, uma das coisas que me fez alguma confusão foi o facto de que dez anos antes não era permitido às pessoas entrarem na Mesquita de calções, nem de saia, ou seja, era inclusive emprestada aos turistas uma espécie de manta para cobrir as pernas caso estas estivessem descobertas. Atualmente, já muita gente fez a visita em calções, e não foi imposta qualquer restrição. Isto só me levou novamente a pensar como os tempos estão a mudar, assim como as mentalidades e os princípios das pessoas mais religiosas e tradicionais, que há dez anos atrás eram tão rígidas nesse espeto e agora simplesmente não demonstraram qualquer preocupação em relação a isso.

A visita guiada foi um misto de sensações. Embora estivessem intactas algumas memórias do aspeto interior da Mesquita, esta nova visita permitiu-me perceber e apreciar o espaço de maneira diferente. As enormes portas em titânio, o assustador pé direito, assim como a nobreza de todos os materiais e a forma como são utilizados, os jogos de luz e sombra, fosse a luz natural ou artificial, e o silêncio, indescritível. Percebe-se, pontualmente, o modo como a arquitetura e a organização espacial foram pensadas e concebidas de acordo com o percurso que o Rei Hassan II²⁷ fazia no interior, aquando das suas visitas no Ramadão, e agora o seu descendente, o Rei Mohammed VI.²⁸ Entra(va) pela porta mais a Sul, a maior e mais importante, e atravessa(va) toda a Mesquita até à ponta oposta, exatamente a eixo.

²⁷ Hassan II foi Rei de Marrocos de 1961 a 1999. Filho de Mohammed V, primeiro Rei de Marrocos depois da independência do domínio Francês.

²⁸ Mohammed VI é o atual Rei de Marrocos, desde a morte de seu pai Hassan II, em 1999.

• *Casablanca: memória e reflexão.*

Terminada a visita à Mesquita, regressámos à grande Praça das Nações Unidas, tomando desta vez um diferente percurso, atravessando novamente uma das zonas do mercado. Vários espetáculos de rua, miúdos a jogar à bola e música de fundo, geravam um ambiente muito particular na praça, onde muitas pessoas ali passavam a tarde entretidas.

Este primeiro dia de visita, e tendo apenas revisto as zonas mais antigas e menos bem tratadas da cidade, despertou em mim, acima de tudo, um particular fascínio pela arquitetura tradicional do país, levando-me a refletir sobre as razões e o propósito daquele tipo de construções, e de que forma certas premissas devem ter o seu peso e servir como ponto de partida para a conceção da arquitetura.

• Casablanca: memória e reflexão.



Figura 53 - *Ville des Arts*



Figura 54 - *Ville des Arts*



Figura 55 - *Ville des Arts*, plano do interior

Domingo, 30 de Outubro

Este dia estava reservado para uma zona totalmente diferente do contexto anterior, sendo esta a zona mais “moderna” e desenvolvida da cidade. Se no dia anterior havíamos presenciado o antigo, o amontoar de casas em mau estado, as ruas estreitas, compridas e sujas, as más condições de vida das pessoas, era agora tempo para a outra face da moeda. As grandes avenidas, largas e limpas, os quarteirões organizados, as enormes fachadas em vidro dos centros comerciais e arranha-céus, proporcionavam uma perceção totalmente oposta à anterior, fazendo-me por vezes questionar a mim mesmo se estaria na mesma cidade, e se estaria realmente em Marrocos. O lixo no chão desapareceu, os carros velhos deram lugar aos modernos e mais luxuosos, e era ali totalmente diferente o modo de viver das pessoas.

No percurso para esta zona da cidade, visitámos uma das mais interessantes e bem situadas casas senhoriais da época colonial, agora utilizada como museu, a *Ville des Arts*. Uma construção tipicamente europeia das classes sociais mais altas dos anos 50, com a porta de entrada cuidadosamente desenhada, a eixo com a grande escadaria em mármore e corrimões em ferro forjado, que se desenvolve no átrio de entrada, e que distribui para as várias divisões do piso superior da casa. No interior dos vários compartimentos, uma exposição de um artista tunisino compunha as paredes brancas e despidas, com quadros direccionados para a fantasia e Pop-Art. O jardim, composto por variadas espécies de vegetação, rodeava e controlava o espaço exterior da casa, oferecendo a sensação de um mundo à parte, tranquilo e silencioso, “perdido” no barulho e tumulto da metrópole.

Foi de facto bastante interessante e enriquecedor relativamente à primeira viagem, perceber como viviam as famílias senhoriais da época colonial, e as diferenças arquitetónicas para com as casas tradicionais marroquinas.

• Casablanca: memória e reflexão.

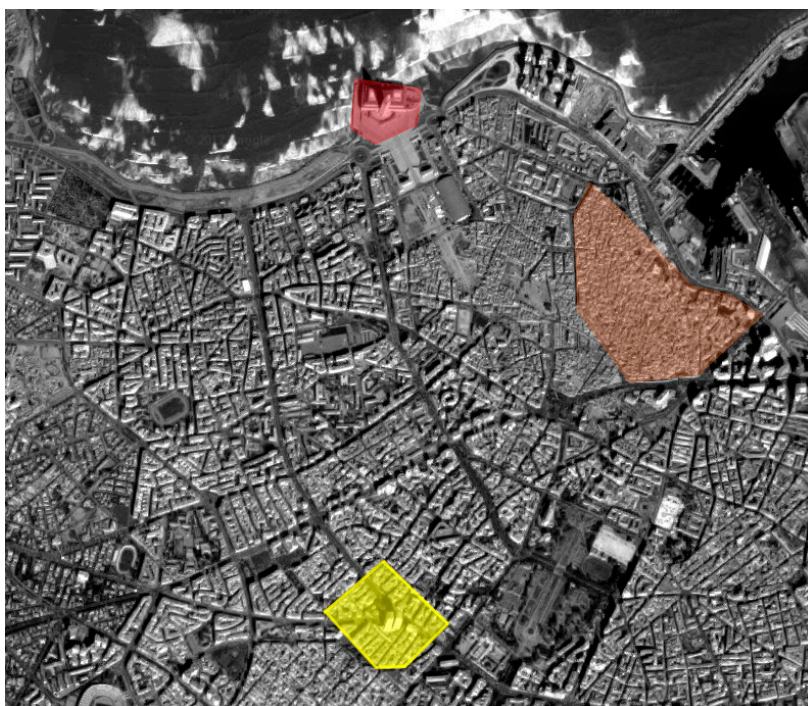


Figura 56 - ■ Twin Center
■ Medina Qdima
■ Mesquita Hassan II


300 m 



Figura 57 - Twin Center, Twin Towers,
Ricardo Bofill



Figura 58 - Twin Towers, vista panorâmica sobre
a cidade

Durante a tarde, percorremos a zona denominada de Twin Center, uma espécie de “Times Square” de Casablanca, constituída por grandes lojas, edifícios de escritórios e hotéis. Esta praça serve como uma espécie de filtro de transição para os bairros habitacionais na zona mais oeste da cidade, sendo muito marcada pela presença das Twin Towers, as torres gémeas de Casablanca, desenhadas pelo arquiteto catalão Ricardo Bofill,²⁹ com 28 pisos e cerca de 115 metros de altura. As torres são iguais, mas acabam por ser diferentes, uma vez que nelas funcionam diferentes programas, sendo que na Torre Este, ou Torre B, funciona o hotel de 5 estrelas, o Kenzi Tower Hotel, enquanto que na Torre Oeste, Torre A, funciona um centro comercial nos pisos inferiores e alguns escritórios e habitação nos pisos superiores.

Estas torres são os edifícios mais altos de Marrocos, e, ao subir ao café panorâmico no último piso do hotel, era entusiasmante a vista sobre toda a cidade. Daquele ponto era possível perceber a imensa dimensão desta, algo que tinha ficado por desvendar aquando da primeira viagem, devido ao curto espaço de tempo na cidade. Desde a distância até ao mar, como na direção oposta, as construções eram de perder de vista, literalmente. Os arranha-céus e marcações das grandes avenidas da parte Este, contrastam com a grande massa de construções dos bairros sociais e da antiga Medina na parte Oeste, marcada ao fundo pelo minarete da imponente Mesquita, acolhida pelo oceano.

Nos topos das casas e edifícios, são centenas de milhares as antenas parabólicas que compõem a paisagem, e a certa altura dei por mim a pensar, se todas estas antenas fossem pintadas de azul, por exemplo, o quão belo e interessante não seria o efeito causado na paisagem e naquele céu alaranjado de fim de tarde.

²⁹ Ricardo Bofill Levi, arquiteto catalão nascido em Dezembro de 1939, em Barcelona, no seio de uma família de construtores. Estudou na Escola de Arquitetura da Universidade de Barcelona, concluindo o seu percurso académico na Escola de Genebra. Gere o seu próprio atelier, Ricardo Bofill Taller desde os seus 23 anos de idade, contando com mais de 1000 projetos em mais de 50 países.

• Casablanca: memória e reflexão.



Figura 59 - Twin Center



Figura 60 - Twin Center

Se no passado me passou despercebido, foi agora bastante curioso observar as diferentes abordagens comerciais consoante as zonas da cidade. Enquanto que nesta zona do Twin Center predominam as grandes superfícies comerciais e as lojas de marcas internacionais, à medida que nos vamos afastando para Oeste e para as zonas mais residenciais, as pequenas lojas e cafés tradicionais tomam conta das ruas. À porta dos cafés, homens instalam a sua banca de venda de tabaco, e ali ficam, à espera que os mesmos clientes dos cafés ali comprem os seus cigarros. É, no entanto, nestas ruas dos bairros residenciais mais tradicionais que percebemos muito do que é o dia-a-dia daquelas pessoas.

As ruas secundárias, perpendiculares às avenidas, são inundadas por miúdos a jogar à bola, que se apropriam de tudo o que têm à sua volta para organizarem esse mesmo espaço de recreio, desde os carros abandonados, aos caixotes do lixo, às janelas e marcações no chão.

O dia seguinte, e último desta experiência, estava destinado à zona mais a Sul da cidade, passando primeiro pelo bairro Hay Hassani, um dos bairros onde está mais presente a apropriação dos espaços pelas pessoas de acordo com a suas necessidades e costumes, e depois então uma zona em pleno desenvolvimento ao nível da construção e urbanismo.

• Casablanca: memória e reflexão.

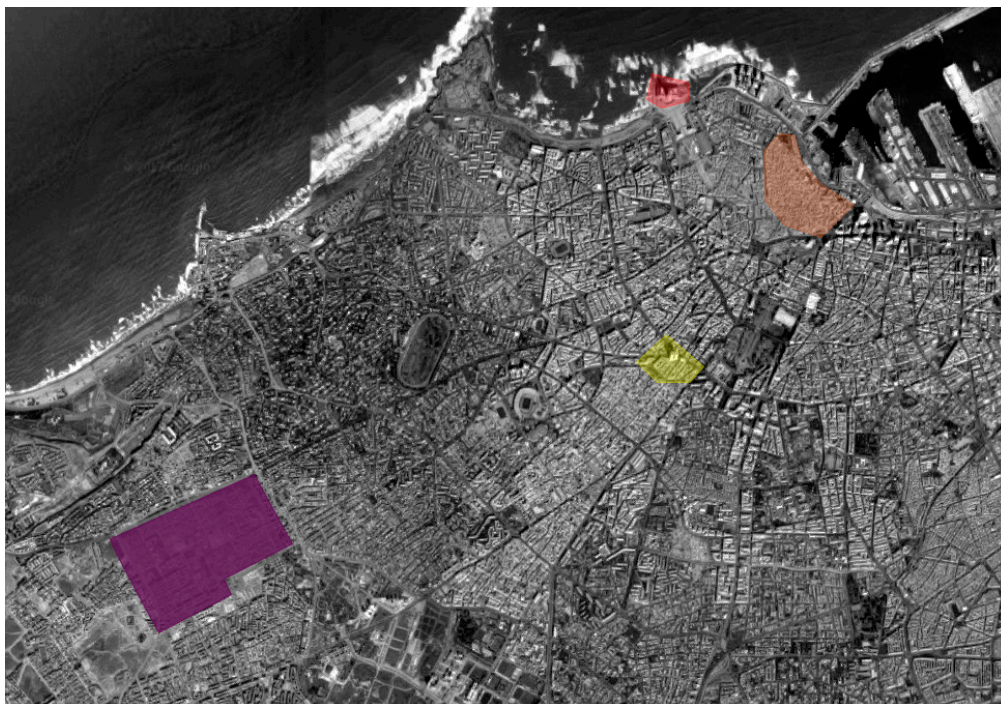






Figura 61 -  Bairro Hay Hassani
 Twin Center
 Medina Qdima
 Mesquita Hassan II

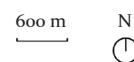


Figura 62 - Habitação, Hay Hassani



Figura 63 - Rua habitacional, Hay Hassani

•Bairro Hay Hassani

Segunda-feira, 31 de Outubro

O dia começava com a passagem pelo bairro Hay Hassani, já referido anteriormente, no capítulo referente aos Três Planos Urbanos para Casablanca. Algumas leituras anteriores à visita despertaram o meu interesse acerca deste bairro e da sua história, acima de tudo o seu desenvolvimento e as várias transformações que foi sofrendo ao longo das décadas às mãos dos próprios habitantes.

A primeira perceção não foi muito diferente daquela que tive nas primeiras caminhadas pela cidade. As ruas principais dominadas pelo trânsito automóvel, enquanto miúdos a jogar à bola se apoderam das secundárias, onde as pessoas circulam a pé utilizando as próprias vias, e quase nunca os passeios, mesmo que eles existam, uma vez que estes muitas vezes são utilizados como esplanadas dos cafés, bancas de vendas ou até para zona de trabalhos, como reparação de automóveis. Isto acontece em toda a cidade, no geral, também devido ao facto de ser muito mais confortável caminhar na própria via em vez de usar o passeio, este muitas vezes degradado e até, por vezes, perigoso para as pessoas de mais idade, optando assim por circular na via.

As habitações variam bastante, tanto a nível estrutural como decorativo. Tanto são habitações rasteiras, de apenas um andar, como exatamente a do lado tem três, ou cinco andares, resultando assim numa composição de fachada quase sempre diferente em todas as ruas, sejam elas fachadas bastante degradadas ou pelo contrário, muito bem decoradas e limpas.

Foi também interessante perceber que qualquer edifício com terraço deixa sempre em aberto esta hipótese de ser acrescentado mais um andar, estando os edifícios em constante “mutação” consoante as necessidades das diferentes famílias.

• Casablanca: memória e reflexão.



Figura 64 - Hay Hassani, edifício de habitação, 2016

Embora os edifícios variem bastante, estes têm também características em comum, como por exemplo, as pequenas janelas, em que é possível ver ainda o desenho da moldura original, mas que foram, no entanto, reduzidas às mãos das próprias pessoas, na procura de maior privacidade e menos visibilidade para o interior.

Os vendedores ambulantes são algo muito comum no bairro, transportando consigo os mais variados produtos, desde frutas e vegetais, a roupa e calçado, mantendo um carácter muito tradicional numa zona em que não se veem turistas, nem se ouve outras línguas para além do árabe.

• Casablanca: memória e reflexão.



Figura 65 - Hay Hassani, anos 60



Figura 66 - Hay Hassani, 2016

• Alterações feitas pelos habitantes

Estas alterações ao projeto inicial levadas a cabo pelos habitantes foram consequência de vários fatores: económicos, demográficos, e culturais, nomeadamente na forma de habitar.

No que diz respeito aos fatores económicos e demográficos, tem muito a ver com o crescimento das famílias, e, conseqüentemente, com a necessidade de aumentar o espaço habitável. Uma vez que essas famílias não têm as posses necessárias para pagar a um construtor ou arquiteto, assim como o material necessário, acabam eles próprios por, com ajuda de familiares e outros habitantes, construir e acrescentar o espaço necessário às condições da habitabilidade desejadas, o que, automaticamente, dá origem a uma variedade de composições diferente, podendo afirmar que são as próprias pessoas que dão vida ao bairro e evoluem com ele. Outra questão tem a ver com a ida de alguns habitantes para outros bairros da cidade, e continuarem a possuir a habitação em Hay Hassani, arrendando-a a novos habitantes, e alterando-a conforme entendem, estando assim os edifícios em constante mutação.

Em relação aos fatores culturais, a necessidade de intimidade tem um papel importante. Constantemente se observam as janelas e varandas fechadas nas habitações, existindo, a meu ver, várias razões para tal acontecer. Em primeiro lugar, o facto de ser tão alta a densidade populacional enaltece a necessidade de um espaço privado mais protegido. Outro dos motivos é a privação das mulheres em mostrarem-se aos homens no exterior, podendo elas ter visão para o exterior através das pequenas aberturas e ao mesmo tempo estar protegidas dos olhares vindos de fora. Por último, e também este um claro motivo, deve-se ao clima quente de Casablanca, e por isso os residentes preferem ter um ambiente mais fresco e com menos luz, daí as janelas e aberturas pequenas.

• Casablanca: memória e reflexão.

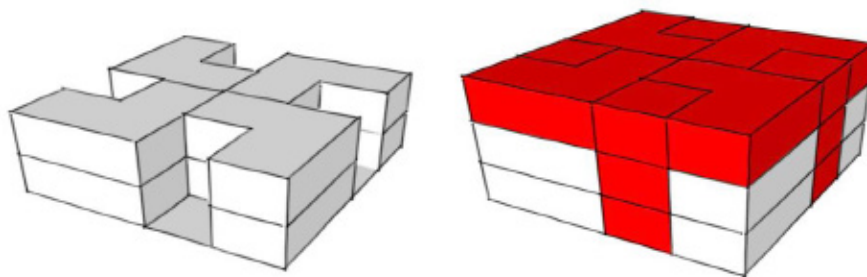


Figura 67 - Hay Hassani, diagrama de transformações levadas a cabo pelos habitantes. Apropriação dos pátios exteriores

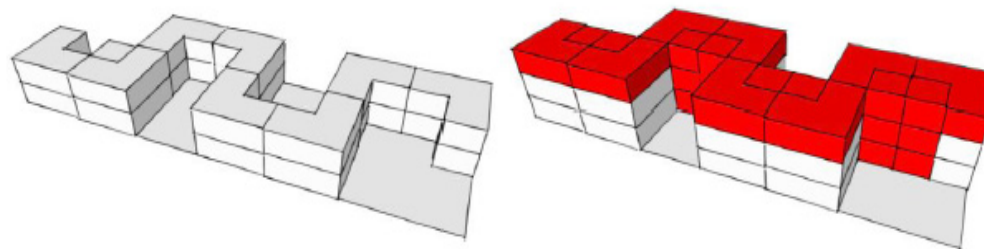


Figura 68 - Hay Hassani, diagrama de transformações. Extensão vertical das habitações e apropriação horizontal dos pátios exteriores

No plano original, as habitações desenvolvem-se em dois tipos de blocos, como representado a cinza nos diagramas à esquerda, sendo as tipologias organizadas em L. No entanto, e posteriormente às alterações, a vermelho, a organização espacial das divisões altera-se em quase todas as habitações. Uma das causas é o facto de não ser moralmente aceite na cultura Islâmica que uma visita tenha visão direta para as divisões de dormir e mais privadas. Por esta razão os habitantes criaram uma clara separação entre os espaços comuns e os privados, mais íntimos, um costume bastante tradicional e até rural.

Quanto ao tratamento e preservação das habitações, é clara a diferença de preocupação entre o interior e exterior, onde existe um muito maior investimento no interior. O exterior não mostra sinais desse mesmo tratamento e dá a entender por vezes que não é tido como parte da propriedade.

Em relação aos espaços verdes, embora não sejam abundantes, muitos deles foram sendo apropriados pelas pessoas, que muitas vezes os cobrem, transformando-os em cozinhas ou outro tipo de divisão da casa, o que, segundo os próprios habitantes, já não acontece tão assiduamente, visto ser maior o controlo por parte de agentes dos municípios, que verificam a legalidade destas mesmas apropriações. Existe apenas um único parque verde no bairro, localizado junto ao mercado tradicional. No entanto, este parque público não evidencia qualquer tipo de manutenção nem apropriação por parte das pessoas, estando um pouco ao abandono, contrastando com a grande densidade e atividade social e económica da população.

Terminada a visita ao bairro Hay Hassani, seguíamos agora para norte, ao longo da marginal. Foi bastante interessante perceber a forma como as pessoas se apropriam do espaço “vazio”, não só o espaço urbano, como ruas, becos e praças, mas acima de tudo nas próprias habitações. Posso afirmar que é ainda um dos lugares da cidade em que se mantêm os principais costumes e tradições marroquinos, em que um misto de simultâneos acontecimentos e sensações nos fazem sentir no seio desta cultura.

• Casablanca: memória e reflexão.



Figura 69 - *Anfa Place*, Norman Foster, 2007



Figura 70 - *Anfa Place*, Norman Foster,
2007



Figura 71 - *Anfa Place*, Norman Foster,
2007

Era bastante visível durante o percurso de tram a grande quantidade de construção em curso nesta zona da cidade. Falo da *Cité de L'air*. Grandes complexos habitacionais e desportivos vão surgindo na paisagem, onde se encontra em construção um enorme bairro de luxo, ocupando uma área de terreno descampado gigantesca.

Mais uma vez estamos perante um enorme contraste em relação à parte Noroeste, o que me intrigou bastante. O facto de na mesma cidade existirem tão diferentes abordagens e mentalidades, sem qualquer tipo de relação umas com as outras, em que nos sentimos um pouco “perdidos” e confusos, na medida em que não existe qualquer barreira ou separação entre essas mesmas abordagens, mas que no entanto se relacionam e coabitam em simultâneo.

Visitámos de seguida o Anfa Place, um complexo comercial e habitacional desenhado pelo arquiteto Inglês Norman Foster, na marginal, junto ao mar, onde são visíveis as inúmeras casas da era colonial, de desenho tipicamente europeu, algumas bastante luxuosas. É um complexo de luxo, que tira proveito do desnível entre o nível do mar e a cota da estrada, proporcionando uma frente de mar bastante elegante e confortável. Serve também como uma espécie de barreira entre a avenida e o mar, levando a cidade até à praia de forma bastante natural e fluída, em que as coberturas estão à cota dessa mesma avenida e por via de rampas e escadas surgem os acessos às diferentes zonas comerciais, habitação, cafés, escritórios e hotel. Embora se encaixe bem na paisagem, surgem naturalmente questões de cariz cultural e tradicional. Por um lado, o facto de não causar grande impacto na paisagem, aparecendo camuflado e sendo visível aos poucos, tem a sua beleza e interesse, no entanto, acaba por ser um projeto, na minha opinião, que responde à clara intenção de modernizar e ocidentalizar a cidade. Salvo zonas em que de facto me rendi ao emprego dos materiais e técnicas típicas marroquinas, as restantes nada de novo me ofereceram, onde são aplicados materiais como o aço e o vidro.

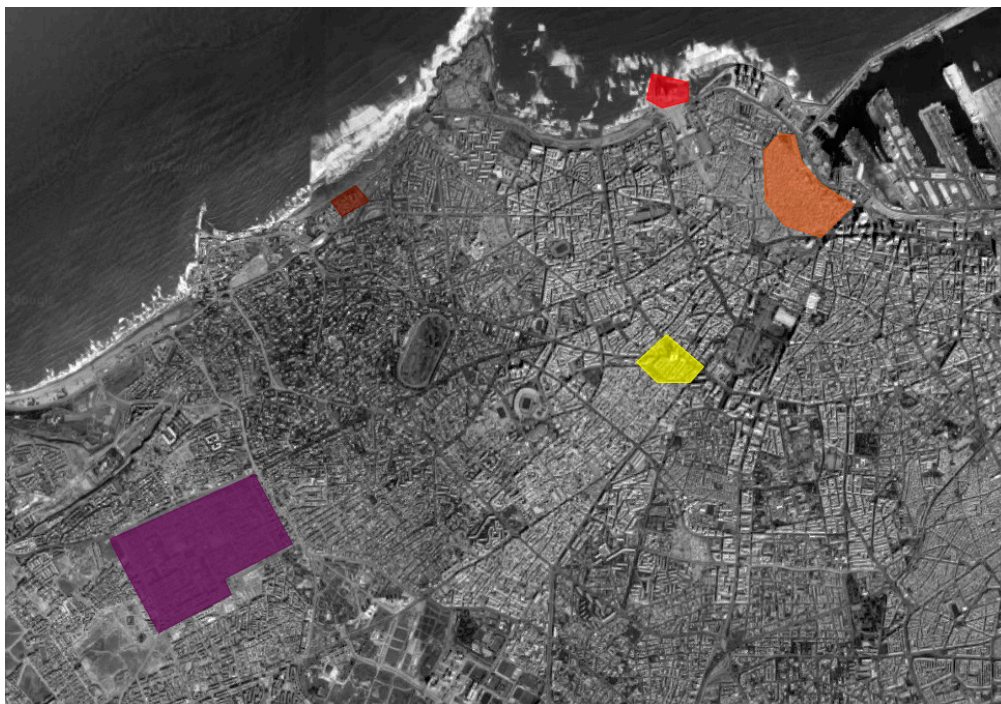


Figura 72 - ■ Medina *Qdima*, finais séc. XVIII
■ Bairro *Hay Hassani*, séc. XX, anos 60
■ Twin Center, séc. XX, anos 90
■ Mesquita Hassan II, séc. XX, anos 90
■ *Anfa Place*, séc. XXI, 2007

600 m N
⌞

•Refletir a viagem

Em jeito de comparação com a viagem de 2006, são de realçar alguns pontos de análise relativos a esta mais recente visita. A minha perceção da cidade foi totalmente diferente, talvez também um pouco pelo desenvolvimento a que foi submetida, tanto a nível económico e social, como a nível cultural e arquitetónico. No entanto, estes aspetos não são visíveis em toda a cidade, mas apenas em algumas zonas, o que revela o grande contraste, a todos os níveis, que existe entre as zonas ditas mais antigas e tradicionais, para as zonas mais desenvolvidas e influenciadas por outras culturas.

Objetivamente falando, a nível económico, é de realçar o grande desenvolvimento e crescimento da cidade. Refiro-me não só à grande quantidade de construção a decorrer no momento, mas também àquela que foi surgindo ao longo destes anos, acima de tudo hotéis e condomínios de luxo e complexos comerciais, compondo a frente marítima, que continuam a aparecer, apesar do facto de Casablanca não ser uma cidade propriamente turística. Tudo isto são indicadores de uma economia em crescendo.

Por consequência, o contexto social acaba por ser totalmente diferente de umas zonas para as outras, em que por um lado as pessoas vivem em grandes dificuldades e com as mínimas condições, na Medina por exemplo, enquanto que a outra face da moeda evidencia o oposto, em que as pessoas vivem em bairros modernos, seguros, com acesso às melhores condições de higiene, e onde o custo de vida é bastante mais elevado. Ora, naturalmente, isto acontece em muitas cidades do globo, principalmente nas grandes metrópoles em que os subúrbios são ocupados pelas classes mais baixas da sociedade, mas o que me despertou maior curiosidade e espanto em relação a Casablanca, foi o facto de que, enquanto que noutras grandes cidades, os subúrbios ou zonas mais pobres estão “separados” dos grandes centros económicos, aqui, em Casablanca, essa separação não existe, ou seja, tanto estamos num bairro dito moderno e bastante desenvolvido, como apenas atravessando a rua ou avenida, estamos

- *Casablanca: memória e reflexão.*

já num contexto absolutamente diferente, como por exemplo, numa “favela”. Estas mudanças foram um processo iniciado anteriormente à minha primeira visita, mas que no entanto não me foram perceptíveis na altura, naturalmente.

Reflico agora em dois diferentes pontos de vista. Por um lado, a sensação que tive relativamente ao facto de existir uma menor preocupação com as diferenças entre classes sociais por parte da população, em que todas elas “podem” usufruir dos mesmos espaços em simultâneo, ao contrário da cultura ocidental, em que as classes são claramente separadas. Exemplo desta mesma situação é o bairro Hay Hassani, que apesar de ser afeto a classes sociais mais baixas, encontra-se perfeitamente integrado numa zona rica e em grande desenvolvimento da cidade. No entanto, e devido a essa diversidade de situações, muitas vezes não existe uma conexão ou coerência urbana, arquitetónica e social entre as diferentes zonas, existindo situações em que ao atravessar a avenida parecemos estar numa cidade totalmente diferente, com arquitetura diferente, com pessoas vestidas de maneira diferente, com ruídos e cheiros diferentes. Esta desagregação espacial acaba por tornar difícil desvendar um padrão arquitetónico e urbano da cidade.

Relativamente à arquitetura, como referi anteriormente, existe um enorme contraste entre a zona Norte da cidade, onde se encontra a antiga Medina e a Mesquita, e onde predominam as construções tradicionais, e a zona Sul, onde os arranha céus e complexos comerciais predominam, e que nos dão a perceção de ser outra cidade, completamente diferente. Isto, do minha perspectiva, revela uma grande e cada vez maior influência, não só da cultura ocidental e europeia que se instala na cidade, mas também da evolução tecnológica exponencial que vivenciamos nos dias de hoje, que se traduzem na arquitetura e conseqüentemente no quotidiano dos habitantes.

- *Casablanca: memória e reflexão.*

Este aspeto, naturalmente, teve maior peso no decorrer desta segunda visita, uma vez que questiona aqueles que são os meus princípios e conhecimento adquirido no decorrer do meu percurso académico, neste caso em específico, a importância das raízes e costumes de uma cultura no contexto arquitetónico.

Em relação ao edificado, concluo que a principal diferença entre edifícios tradicionais e modernos é o desenho das janelas e vãos, existindo, portanto, grandes diferenças entre a Medina tradicional e os bairros modernos. Desde o planeamento das ruas, à largura das mesmas e à altura dos edifícios, proporcionam um carácter distinto a cada uma das diferentes zonas da cidade, e foi interessante perceber nesta segunda visita como tão próximas elas se encontram umas das outras, embora arquitetonicamente “distantes”.

Se, por um lado, me senti curioso, fascinado, e até por vezes inquieto com os costumes e vivências nas zonas tradicionais, por outro, dei de caras com a banalidade de apenas só mais uma cidade “europeia” no meio de tantas outras que já visitei, ou pelo menos numa tentativa de o ser.

Falando mais concretamente dos costumes culturais e tradicionais, nomeadamente os de carácter religioso, foi claramente perceptível o desaparecimento dos mesmos em certas zonas da cidade. Se, por um lado, tanto na antiga Medina, como no Mercado Central e até no Bairro Hay Hassani os principais costumes e valores predominam, tais como o vestuário, a língua, e o próprio ambiente urbano, marcado pela grande intensidade de trocas comerciais, pela música e pelo intenso cheiro a especiarias, por outro lado, no Twin Center, por exemplo, tudo isso desaparece por completo, evidenciando claramente que estes valores culturais e religiosos vão tendo diferentes níveis de importância no quotidiano das pessoas consoante as diferentes zonas da cidade que vivenciam.

- *Casablanca: memória e reflexão.*

Como alguns exemplos, e até já referidos anteriormente, o facto de ser permitida a entrada a turistas na Mesquita Hassan II, acrescentando ainda a possibilidade de a visitar deixando ao descoberto algumas partes do corpo que a própria religião Muçulmana não permite em tais espaços sagrados, também o facto de se verem cada vez menos mulheres vestidas à moda tradicional, as ruas, sendo cada vez mais preenchidas com publicidade a todo o tipo de marcas internacionais, os grandes complexos comerciais, ofuscando por consequência a existência dos mercados tradicionais, tudo isto demonstra claramente, na minha perspetiva, uma intensão de “ocidentalização” e de acompanhar o desenvolvimento tecnológico a nível global.

Posto isto, e para concluir este capítulo, foi sem dúvida uma experiência muito enriquecedora. Embora num contexto totalmente diferente da primeira viagem (2006), mas igualmente relevante no que toca à minha aprendizagem e ao peso que tiveram no meu percurso, tanto académico como pessoal.

VI. Considerações finais

Embora separadas por uma década, as duas viagens abordadas ao longo do trabalho são os pilares para uma reflexão crítica interior, com base no conhecimento adquirido neste intervalo de tempo.

Seria arrojado atribuir à experiência de 2006 total responsabilidade pelo percurso acadêmico por mim enveredado. No entanto, um enorme fascínio pela mesma faz-me recordá-la com enorme carinho, como algo que despertou em mim um alargar de horizontes, e da qual nasceu uma imensa curiosidade de saber mais acerca daquela “nova” realidade.

Entende-se por desafio algo que nos provoca, que desperta o nosso mais primário instinto de provar que estamos à altura dele mesmo, ainda que com receio ou expectativa por tudo o que ele engloba. Foi precisamente nesta perspetiva que encarei a primeira viagem, como um desafio. Um desafio que me marcou essencialmente por tudo aquilo que era novidade para mim, por tudo o que não era habitual estar ao alcance dos meus sentidos. Ver um camelo a passar mesmo ao meu lado, o intenso cheiro a especiarias, o ambiente fresco e sombrio no interior da Mesquita, pequenas coisas que me marcaram, mais que uma rua apertada e velha da Medina ou uma grande praça na *Ville Nouvelle*.

• *Casablanca: memória e reflexão.*

É com nostalgia que recordo e tenho na memória os episódios desta primeira viagem, que durante anos fez crescer em mim o encanto pelo lado exótico de uma cultura, de um país, de uma cidade.

Nesta fase final do meu percurso académico, naturalmente com outro grau de maturidade e de conhecimento, foi possível encarar e refletir de forma diferente sobre a realidade que encontrei, e entender a viagem como uma importante ferramenta no processo criativo de todo o arquiteto.

O propósito da segunda viagem a Casablanca foi diferente, numa tentativa de perceber o contexto urbano e a arquitetura. Foi com enorme espanto que me apercebi de que apenas na Medina *Qdima* foi possível encontrar construções tradicionais. Um misto de estilos impera no resto da cidade, dividida entre as experiências modernistas do século XX e a arquitetura contemporânea a pegar destaque. Salvo raras exceções, tais como o mercado tradicional, a Medina e alguns edifícios religiosos, onde a pedra prevalece, não me foi possível encarar a cidade de outra forma senão como mais uma tentativa banalizada de ocidentalização, marcada pelo vidro e pelo aço, conferindo um carácter totalmente diferente às ruas e praças.

Os enormes contrastes existentes entre as várias zonas da cidade levantam questões mais profundas acerca da arquitetura, e em que direções ela se dirige. Estarão num futuro próximo os países europeus e africanos, por exemplo, semelhantes no que toca à arquitetura e estrutura urbana? A meu ver, é nesse sentido que o futuro se encaminha.

O fascínio que tanto me marcou no passado acabou por desvanecer um pouco, de certa forma pelas expectativas que carregava, essencialmente em relação à arquitetura. Como referi, a mistura de estilos resulta numa confusa e caótica malha urbana, onde se torna difícil desvendar qualquer tipo de padrão ou princípio estrutural.

- *Casablanca: memória e reflexão.*

Foi, no entanto, interessante perceber como nenhum dos planos modernistas do século XX para habitação social se mantém. Todos eles sofreram alterações levadas a cabo pelos próprios habitantes, o que traduz, do meu ponto de vista, uma falta de sensibilidade por parte dos arquitetos para com os costumes, tradições e necessidades dos habitantes.

Teria sido a arquitetura moderna diferente se os arquitetos envolvidos nos projetos tivessem tido uma experiência de contacto físico com a realidade e mentalidades dos habitantes?

Deste modo, é essencial, do meu ponto de vista, o contacto físico e a experiência sensorial com o espaço ou objeto arquitetónico, de modo a compreender aquilo que é a História de uma civilização ou de uma cultura, assim como os cânones da mesma, desvalorizando a produção em série, automática, repetitiva. A cultura e a tradição são essenciais na identidade de cada país, cada cidade, cada rua, e a arquitetura, na minha opinião, deve refletir e valorizar isso mesmo.

Concluindo, a viagem permitiu-me ver, encarar, compreender, viver os espaços de forma diferente, em tempos e contextos diferentes. O que no passado foi um encanto pela novidade e pelo exótico, tornou-se numa preocupação e reflexão crítica acerca de quais as direções a serem tomadas, de forma a respeitar e valorizar a arquitetura e quem dela usufrui, assim como o seu processo criativo.

Referências Bibliográficas

- «ARCHI MAG | L'héritage architectural de Casablanca en fête: Journées du patrimoine de Casablanca 2013». Acedido 31 de Janeiro de 2017. <http://archi-mag.com/wp/?p=737>.
- Avermaete, Tom, Joan Ockman, e Team 10. *Another Modern: The Post-War Architecture and Urbanism of Candilis-Josic-Woods*. Rotterdam: NAI Publishers, 2006.
- Bertrand Terlinden. «L'oeuvre de Henri Prost. Architecture et urbanisme (2 – Maroc)». *Bertrand Terlinden publications* 1, 9 de Março de 2010. <https://bertrandterlindeninarchitecture.wordpress.com/2010/03/09/loeuvre-de-henri-prost-architecture-et-urbanisme-2-maroc/>.
- Calvino, Italo, e Ivo Barraoso. *Seis Propostas Para O Próximo Milênio: Lições Americanas*. Companhia das Letras, 1990.
- «Casablanca History and Urban Planning | Sustainable Cities Collective». Acedido 31 de Janeiro de 2017. <http://www.sustainablecitiescollective.com/global-site-plans-grid/177961/should-casablanca-s-colonial-heritage-be-preserved>.
- Çelik, Zeynep. *Displaying the Orient: Architecture of Islam at Nineteenth-Century World's Fairs*. University of California Press, 1992.
- Center for History and New Media. «Guia de Iniciação Rápida do Zotero», sem

- *Casablanca: memória e reflexão.*

- data. http://zotero.org/support/quick_start_guide.
- Clammer, Paul. *Morocco*. Lonely Planet, 2010.
- Cohen, Jean-Louis. *France: Modern Architectures in History*. Reaktion Books, 2014.
- Cohen, Jean-Louis. «L'architecture d'aujourd'hui», 1930.
- Cohen, Jean-Louis, e Monique Eleb. *Casablanca: Colonial Myths and Architectural Ventures*. Monacelli Press, 2003.
- Costa, Alexandre Alves, e Álvaro Siza. *1967: Marrocos*. 1ª ed. Viagens 1. Porto: Circo de Ideias, 2011.
- Demissie, Fassil. *Colonial Architecture and Urbanism in Africa: Intertwined and Contested Histories*. Ashgate Publishing, Ltd., 2012.
- Ecochard, Michel. «Habitat Musulman au Maroc». *L'architecture d'aujourd'hui*, n. 60 (1930).
- «Europe of Cultures - Georges Candilis, architect of the Mirail in Toulouse - Ina.fr». *Europe of Cultures*. Acedido 31 de Janeiro de 2017. <http://fresques.ina.fr/europe-des-cultures-en/fiche-media/Europe00066/georges-candilis-architect-of-the-mirail-in-toulouse.html>.
- Fretton, Tony. «NU #40 entrevistas». Acedido 31 de Janeiro de 2017. <http://arquivonu.blogspot.com/2013/02/-entrevistas.html>.
- Freund, Bill. *The African City: A History*. Cambridge University Press, 2007.
- Hall, Edward Twitchell. *The Hidden Dimension*. Anchor Books, 1990.
- Heuvel, D. van den, M. Mesman, e W. Quist. *The Challenge of Change: Dealing with the Legacy of the Modern Movement: Proceedings of the 10th International DOCOMOMO Conference*. IOS Press, 2008.
- Honor, Julius. *Morocco Footprint Handbook*. Footprint Travel Guides, 2012.
- Jayyusi, Salma K., Renata Holod, Attilio Petruccioli, e Andre Raymond. *The City in the Islamic World, Volume 94/1 & 94/2*. BRILL, 2008.
- Kultermann, Udo. *New Directions in African Architecture*. G. Braziller, 1969.
- Loos, Adolf. *Escritos: 1897 - 1909 / trad. de Albert Estévez 1*. Croquis Ed.,

- *Casablanca: memória e reflexão.*

- 1993.
- «Michel Ecochard | Model House». Acedido 31 de Janeiro de 2017. <http://transculturalmodernism.org/article/13>.
- «Modernity and Planning in the Developing World | Defining Modernity: The Urban Context of Casablanca». Acedido 31 de Janeiro de 2017. <http://blogs.cornell.edu/crp2000-modernity/2013/11/18/defining-modernity/>.
- «Modernity and Planning in the Developing World | The History and Legacies of Urbanism in Casablanca». Acedido 31 de Janeiro de 2017. <http://blogs.cornell.edu/crp2000-modernity/2013/11/19/the-history-and-legacies-of-urbanism-in-casablanca/>.
- Ossman, Susan. *Picturing Casablanca: Portraits of Power in a Modern City*. University of California Press, 1994.
- Pallasmaa, Juhani, ed. *Encounters 1: Architectural Essays*. 2 edition. Helsinki, Finland: Rakennustieto Publishing, 2013.
- Pallasmaa, Juhani, ed. *Encounters 2: Architectural Essays*. Independent Publishing Group, 2012.
- Pallasmaa, Juhani. *The Eyes of the Skin: Architecture and the Senses*. John Wiley & Sons, 2012.
- Rachik, Abderrahmane. *Casablanca: l'urbanisme de l'urgence*. Impr. Najah El Jadida, 2002.
- Salavisa, Eduardo. «LeCORBUSIER. DIÁRIO DE VIAGEM E ARQUITECTURA». Acedido 31 de Janeiro de 2017. <http://diariografico.com/html/outrosautores/Corbusier/LeCorbusier.pdf>.
- Santos, Juan Domingo. *La tradición innovada. Escritos sobre regresión y modernidad*. Fundación Caja de Arquitectos., 2014. <http://fadfest.cat/website/la-tradicion-innovada-escritos-sobre-regresion-y-modernidad/?lang=es>.
- Santos, Tiago Simão Neto dos. «Tradicional contemporâneo». FAUP, 2015. <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/82491>.

- *Casablanca: memória e reflexão.*

- Smithson, Alison. *Team 10 Meetings: 1953-1984*. New York: Rizzoli, 1991.
- Stamm, Annalee Newitz and Emily. «10 Failed Utopian Cities That Influenced the Future». *iog*. Acedido 31 de Janeiro de 2017. <http://iog.gizmodo.com/10-failed-utopian-cities-that-influenced-the-future-1511695279>.
- Tanizaki, Junichiro. *In Praise of Shadows*. First Edition edition. New Haven, Conn.: Leete'S Island Books, 1977.
- «TEAM 10». Acedido 31 de Janeiro de 2017. <http://www.team10online.org/team10/candilis/>.
- «The Housing Grid by Michel Ecochard | Model House». Acedido 31 de Janeiro de 2017. <http://transculturalmodernism.org/article/14>.
- «utopian casablanca city plan - Pesquisa Google». Acedido 31 de Janeiro de 2017. https://www.google.pt/search?q=utopian+casablanca+city+plan&hl=pt-PT&biw=1600&bih=794&site=webhp&tbm=isch&imgil=jhbglwXdFkV8GM%253A%253BhB_JmyYGDz5lvM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fio9.gizmodo.com%25252F10-failed-utopian-cities-that-influenced-the-future-1511695279&source=iu&pf=m&fir=jhbglwXdFkV8GM%253A%2532ChB_JmyYGDz5lvM%252C_&usg=__XbCLJGtJwJnHAYcikEpS9PE7kyc%3D&dpr=1&ved=oahUKEwjAjJmiqeDRAhUL42MKHR-pA-IQyjcIJA&ei=FjCKWMCpKovGjwOfo06QDg#imgrc=_.
- Verkindere, Sébastien. *Casablanca ville moderne*. Acedido 31 de Janeiro de 2017. <http://www.telerama.fr/cinema/films/casablanca-ville-moderne,254945.php>.

Referências Fotográficas

I. Marrocos • Viagem 2006

Figura 1 - Planta da cidade de Tânger - http://www.lib.utexas.edu/maps/ams/morocco_city_plans/txu-oclc-6543942.jpg

Figura 2 - Terminal de contentores, Tânger - Fotografia do autor

Figura 3 - Rua comercial, centro de Tânger - Fotografia do autor

Figura 4 - Rua habitacional, centro de Tânger - Fotografia do autor

Figura 5 - Chefchaouen, a Cidade Azul, Tânger - Fotografia do autor

Figura 6 - Chefchaouen, habitação - Fotografia do autor

Figura 7 - Planta da cidade de Casablanca - http://www.lib.utexas.edu/maps/ams/morocco_city_plans/txu-oclc-6550945.jpg

Figura 8 - Panorâmica da cidade de Casablanca; Mesquita Hassan II, ao fundo - https://ak1.jogurucdn.com/media/image/p24/itinerary_images/5006d01776a295b855000051/new375b073bd9f3of5f31011fic9c756516.jpg

Figura 9 - Mercado Central, entrada Este - Fotografia do autor

Figura 10 - Mercado Central - Fotografia do autor

Figura 11 - Mercado Central, comércio de tapeçarias - Fotografia do autor

Figura 12 - Ville Nouvelle - Fotografia do autor

Figura 13 - Ville Nouvelle, Marginal - Fotografia do autor

Figura 14 - Mesquita Hassan II - Fotografia do autor

Figura 15 - Mesquita Hassan II - Fotografia do autor

• *Casablanca: memória e reflexão.*

Figura 16 - Mesquita Hassan II - Fotografia do autor

Figura 17 - Mesquita Hassan II, plano do interior - Fotografia do autor

Figura 18 - Mesquita Hassan II, plano interior do *Hamman* - Fotografia do autor

Figura 19 - Planta da cidade de Agadir - http://www.lib.utexas.edu/maps/ams/morocco_city_plans/txu-oclc-6550921.jpg

Figura 20 - Vista Panorâmica, Agadir - Fotografia do autor

Figura 21 - Costa de Agadir - Fotografia do autor

Figura 22 - Costa de Agadir, zona balnear - Fotografia do autor

III. Marrocos • “O laboratório Francês”

Figura 23 - *habitat du plus grand nombre*, Georges Candilis - <http://transculturalmodernism.org/article/14>

Figura 24 - População alojada nas *bidonvilles*, Ecochard, 1953 - http://www.arquiscopio.com/pensamiento/wp-content/uploads/2012/10/121007_laboratoireInsurrectionel_Ecochard-Bidonville-Casablanca.jpg

Figura 25 - Plano para a auto-estrada Casablanca-Rabat, Ecochard - <http://archnet.org/system/sites/covers/10130/medium/AS101912.png?1417180249>

Figura 26 - A *Grid* de Ecochard, plano para *Carrières Centrales* - http://www.arquiscopio.com/pensamiento/wp-content/uploads/2012/10/121008_HaiMohammadi_UnidadVecinal_Plan.jpg

Figura 27 - *Carrières Centrales*, Ecochard - <http://transculturalmodernism.org/files/mvo/2011-11-14/9.jpg>

Figura 28 - Neighborhood unit, Ecochard - <http://transculturalmodernism.org/files/mvo/2010-10-31/neighbourhoodunit.png>

- *Casablanca: memória e reflexão.*

IV. Os três períodos de planejamento urbano • Casablanca

Figura 29 - Plano de extensão de Casablanca, Henri Prost, 1917 - <https://bertrandterlindeninarchitecture.files.wordpress.com/2010/03/03-15-casablanca-plan-general-prost-copy.jpg>

Figura 30 - Plano de prolongamento da *Boulevard Iveme Zouave*, Prost - <https://bertrandterlindeninarchitecture.files.wordpress.com/2010/03/03-01-casablanca-projet-delargissement-et-de-prolongement-du-boulevard-du-iveme-zouave-par-la-demolition-du-mur-denceinte.jpg>

Figura 31 - Plano de extensão de avenidas, Prost, 1917 - <https://bertrandterlindeninarchitecture.files.wordpress.com/2010/03/03-13-casablanca-exemple-de-remembrement.jpg>

Figura 32 - Bairro Hay Mohammadi, Ecochard, 1952 - http://archi-mag.com/wp/wp-content/uploads/2013/04/patrimoine_casablanca_hay_mohammadi_1-438x390.jpg

Figura 33 - Bairro Hay Mohammadi, anos 50 - http://archi-mag.com/wp/wp-content/uploads/2013/04/patrimoine_casablanca_hay_mohammadi_2_IMMEUBLE-NID-DABEILLES.jpg

Figura 34 - Bairro Hay Mohammadi, no presente - http://archi-mag.com/wp/wp-content/uploads/2013/04/patrimoine_casablanca_hay_mohammadi_5_IMMEUBLE-NID-DABEILLES.jpg

Figura 35 - Vista panorâmica do Bairro Hay Hassani - https://lh3.googleusercontent.com/lsmizXCZgMunoqhl29vY9KjM8PzhtCCJo5SM-OyzYQPpPQXfCKiio_4rv1nIhjiu8bTH=s109

Figura 36 - Projeto para o Bairro Hay Hassani, Elie Azagury, anos 60 - https://lh3.googleusercontent.com/YRiYWou86I1o5iNFgHB3tgrSVCbgiN6dooWcALT_CoUjFLKSUNdDGN9L1uoQVMQsyBjs=s129

• *Casablanca: memória e reflexão.*

V. Casablanca • Viagem 2016

- Figura 37** - Casablanca, vista aérea da cidade - Google Maps
- Figura 38** - Mapa de zonas - Edição realizada pelo autor a partir de imagem do Google Maps
- Figura 39** - Mercado Central, entrada Este - Fotografia do autor
- Figura 40** - Mercado Central, compra e venda de animais - Fotografia do autor
- Figura 41** - Mercado Central, zona de produtos agrícolas - Fotografia do autor
- Figura 42** - Mercado Central, panorama - Fotografia do autor
- Figura 43** - Medina Qdima, planta - Edição realizada pelo autor
- Figura 44** - Medina Qdima, rua habitacional - Fotografia do autor
- Figura 45** - Medina Qdima, rua habitacional - Fotografia do autor
- Figura 46** - Mesquita Hassan II - Fotografia do autor
- Figura 47** - Mesquita Hassan II, praça de recepção - Fotografia do autor
- Figura 48** - Mesquita Hassan II, praça de recepção - Fotografia do autor
- Figura 49** - Mesquita Hassan II, praça de recepção - Fotografia do autor
- Figura 50** - Mesquita Hassan II, plano do interior - Fotografia do autor
- Figura 51** - Mesquita Hassan II, plano do interior - Fotografia do autor
- Figura 52** - Mesquita Hassan II, plano do interior - Fotografia do autor
- Figura 53** - *Ville des Arts* - Fotografia do autor
- Figura 54** - *Ville des Arts* - Fotografia do autor
- Figura 55** - *Ville des Arts*, plano do interior - Fotografia do autor
- Figura 56** - Twin Center - Edição realizada pelo autor a partir de imagem do Google Maps
- Figura 57** - Twin Center, Twin Towers, Ricardo Bofill - Fotografia do autor
- Figura 58** - Twin Towers, vista panorâmica sobre a cidade - Fotografia do autor
- Figura 59** - Twin Center - Fotografia do autor
- Figura 60** - Twin Center - Fotografia do autor
- Figura 69** - Anfa Place, Norman Foster, 2007 - Fotografia do autor
- Figura 70** - Anfa Place, Norman Foster, 2007 - Fotografia do autor
- Figura 71** - Anfa Place, Norman Foster, 2007 - Fotografia do autor
- Figura 72** - Mapa geral de localização das zonas visitadas - Edição realizada pelo autor a partir de imagem do Google Maps

• *Casablanca: memória e reflexão.*

Bairro Hay Hassani

Figura 61 - Bairro Hay Hassani - Edição realizada pelo autor a partir de imagem do Google Maps

Figura 62 - Habitação, Hay Hassani

Figura 63 - Rua habitacional, Hay Hassani

Figura 64 - Hay Hassani, edifício de habitação, 2016

Alterações feitas pelos habitantes

Figura 65 - Hay Hassani, anos 60 - https://lh3.googleusercontent.com/Roh-rEaiqKDF_ojZTGt-SOC_jot95Rjn-K_g1ve1VnUH6Nh42ZaTBjWrpj9fsJN_WsKw-A=s120

Figura 66 - Hay Hassani, 2016

Figura 67 - Hay Hassani, diagrama de transformações levadas a cabo pelos habitantes. Apropriação dos pátios exteriores

Figura 68 - Hay Hassani, diagrama de transformações. Extensão vertical das habitações e apropriação horizontal dos pátios exteriores